



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ-UFC
FACULDADE DE EDUCAÇÃO-FACED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Tereza Maria da Silva Ferreira

**CRACK – PRÁTICAS EDUCATIVAS E CULTURAIS NA TRAJETÓRIA
DE UM DEPENDENTE**

FORTALEZA – CE

2014

TEREZA MARIA DA SILVA FERREIRA

CRACK – PRÁTICAS EDUCATIVAS E CULTURAIS NA TRAJETÓRIA
DE UM DEPENDENTE

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação. Área de Concentração: História e Memória e práticas Culturais Digitais.

Orientador: Prof. Dr. José Gerardo de Vasconcelos

FORTALEZA

2014

TEREZA MARIA DA SILVA FERREIRA

CRACK – PRÁTICAS EDUCATIVAS E CULTURAIS NA TRAJETÓRIA
DE UM DEPENDENTE

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, requisito para obtenção do Título de Mestre em Educação. Área de Concentração: História e Memória e práticas Culturais Digitais.

Orientador: Prof. Dr. José Gerardo de Vasconcelos

Aprovada em: _____/_____/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof^a. Dr^a. Lia Machado Fiuza Fialho
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof^a. Dr^a. Shara Jane Holanda Costa Adad
Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Dedico este trabalho aos meus filhos, José Ferreira Lima Neto, Sara Ferreira da Silva e Benjamim Ferreira Lima Silva, presentes preciosos de Deus para mim. Desde muito cedo, compreenderem minhas ausências, compartilharam das minhas alegrias e angústias, sempre com muito amor e cuidado incondicional.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus pelo fato de por todas as manhãs renovar minhas forças e restabelecer meu animo.

Ao meu orientador, professor Dr. Gerardo Vasconcelos, sou eternamente grata, pela generosidade e confiança em mim depositada, juntamente com meu caro amigo, Dalton Walbruni.

A minha mãe e queridas irmãs, por sempre terem embarcado nos meus sonhos.

A um companheiro de luta e apoio incondicional diante das adversidades surgidas nesse caminho, o qual nunca mediu esforços para me ajudar – Magela Rocha.

Ao Núcleo de História e Memória da Educação – NHIME, em especial aos professores Gerardo Vasconcelos, José Rogério Santana, Raimundo Elmo Vasconcelos e Ari de Andrade.

Aos amigos que, junto comigo, iniciaram esses processo – Karla Kolares, Roberta, Larissa, Sâmia e Favianni – pessoas que, além de colegas, se tornaram amigos.

Em especial a Lia Fialho e Rafaela Florêncio pelo incentivo e apoio desde o principio.

A uma colega que se tornou amiga de todas as horas, principalmente nas dúvidas, angústias e vitórias dessa caminhada profissional, em que juntas, nos tornamos fortes – Karla Botão.

A Neide, Valônia e João por sua disponibilidade e contribuições nesse percurso, com as mãos sempre estendidas.

Ao um amigo de força, luta e cumplicidade na minha trajetória profissional – Edilson Castro.

A aquele que em especial colaborou com seus relatos várias vezes, para falar de sua vida e trajetória de uso, abuso e dependência do crack – Luiz Cleber.

Á CAPES pelo financiamento do estudo.

"Não há nada no nosso caminho que não passe pelo caminho do outro"
Cora Coralina

RESUMO

Esta pesquisa objetiva investigar as práticas educativas e culturais dos usuários de crack, por meio da biografia de um dependente dessa droga, enfocando os contextos e trajetórias que envolveram esse uso, relacionando fatos e determinantes socioculturais que colaboram na memória e história de vida do sujeito biografado. Tem como aporte teórico abordagens teóricas e diversos campos do conhecimento, como Saúde, Sociologia e Educação. Pelo fato de o sujeito biografado ser um morador de rua, o estudo foi realizado em vários lugares, desde bares, churrascarias, residência da família e até mesmo nas proximidades das chamadas “bocas de fumo”. Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, a abordagem metodológica é a história de vida e a coleta dos dados é procedida com base na história oral biográfica, realizada por meio de entrevistas abertas e diário de campo. Desta forma, a análise dos dados está pautada nos conceitos e categorias centrais relacionados aos discursos do dependente de crack biografado. Na análise da trajetória do uso de drogas nas falas de Bim Guerra, foi importante conhecermos aspectos que nos ajudaram a entender o porquê de as pessoas continuarem usando drogas, a despeito de toda sua negatividade e dos esforços empenhados em combater esse uso. Devem-se levar em consideração os “diferentes sujeitos” e a subjetividade que os envolve quando fazem uso dessas substâncias, assim como os diversos contextos culturais, educativo e a fase de vulnerabilidade que cerca os adolescentes e permeiam essa realidade com base nos tópicos de estudo. Embora não afirmemos que o uso do crack seja uma prática decorrente de outros tipos de drogas, não podemos negar que a oportunidade de experiência com outro tipo de droga permita favorecer esta prática. Concluindo a análise é essencial considerar nas falas de Bim Guerra a importância do papel da família nas relações de desenvolvimento comportamental/educacional no que diz respeito ao envolvimento com o uso de drogas.

PALAVRAS-CHAVE: Drogas psicoativas. Uso do crack. Práticas educativas.

ABSTRACT

This research aims investigating the educational and cultural practices from crack users, originated from life history of a dependent, by the biography, focusing the contexts and paths that evolved this use, relating sociocultural facts and determinants which collaborate in the memory and life history of the biography subject. It has as theoretical contribution approaches from several authors and several fields of knowledge, as Healthy, Sociology and Education. By the fact the biography subject is a homeless, the research's locus was accomplished in many places, from bars, steakhouses, the family residence, and even near the called "bocas de fumo". By treating this as a qualitative research, the methodological approach is the life history and the data collection is proceeded on the basis of the biographical oral history, accomplished by the open interview and field journal. In this way, the data analysis is guided in concepts and central categories related to the biography crack addict's speech, referring to a content analysis by the deconstruction of what was already put. This is possible, according to Foucault, because the history is always characterized by discontinuity due to changing and knowledge and practices transformation already articulated, taking into account what is expressed by historiography, media and medical knowledge about psychoactive substances, more specifically the crack, directed by knowledge established to the educational field as educative and cultural practices, using as focus the biography subject's life, as well as its sociocultural, familiar and educational context.

Key-words: psychoactive drugs, crack, educational practices.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. FOTO – DESENHO DE BIM GUERRA	24
Figura 2. FOTO – <i>AMANITA MUSCARINA</i>	43
Figura 3. FOTO – <i>CANNABIS SATIVA</i>	44
Figura 4. FOTO – CANNABIS SATIVA DE MUITAS MANEIRAS	46
Figura 5. FOTO – VARIEDADE DE TÔNICOS, XAROPES E VINHOS	53
Figura 6. FOTO – PEDRA DE CRACK	56
Figura 7. FOTO – USUÁRIO QUEIMA PEDRA DE CRACK EM CACHIMBOS IMPROVISADOS.....	56
Figura 8. FOTO – USUÁRIO QUEIMA PEDRA EM LATINHAS DE ALUMÍNIO.....	57
Figura 9. FOTO – ADOSLECENCIA E DROGAS: COMBINAÇÃO PERIGOSA	66
Figura 10. FOTO – CAMINHOS DA DOPAMINA	69

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – CATEGORIAS DE ANÁLISE DA BIBLIOGRAFIA, SEGUNDO ABORDAGEM UTILIZADA NA PREVENÇÃO. SÃO PAULO 2003	76
Quadro 02 – CATEGORIAS DE ANÁLISE DA BIBLIOGRAFIA, SEGUNDO ABORDAGEM OBJETIVO DA PUBLICAÇÃO. SÃO PAULO 2003.....	77

LISTA DE SIGLAS

CONAD – Conselho Nacional Antidrogas

EPM – Escola Paulista de Medicina

GREA – Grupo de Estudos Interdisciplinares sobre Álcool e Drogas

PNAD - Política Nacional sobre Drogas

CEBRID – Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas

CID 10 – Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas

Relacionados à Saúde – 10ª Versão

CONEN – Conselho Estadual de Entorpecentes

EUA – Estados Unidos da América

MS – Ministério da Saúde

OMS – Organização Mundial da Saúde

SENAD – Secretaria Nacional Antidrogas

SISNAD – Sistema Nacional Antidrogas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 FATOS E PERCEPÇÕES NA VIDA DE UM DEPENDENTE POR MEIO DA BIOGRAFIA	24
2.1 Trajetórias de uso, abuso e dependência do Crack.....	26
2.2 As primeiras experiências do uso de drogas	30
2.3 Sua família	32
2.4 E agora, para onde ir?.....	34
2.5 Crack e sujeito – relação de exclusividade que não permite mediações.....	35
2.6 Práticas culturais que envolvem usuários de crack	39
3 DROGAS – UMA VISÃO PANORÂMICA NA ESTEIRA DO TEMPO	42
3.1 Drogas – Da Antiguidade à Idade Moderna.....	46
3.2 Coca, cocaína e crack.....	49
3.2.1 O que é o crack?	55
3.2.2 Como é o uso?	56
4 PRÁTICAS EDUCATIVAS E DROGAS – REFLEXÃO OU DISCUSSÃO?	65
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS	83
ANEXOS	87

1 INTRODUÇÃO

O serviço prestado pelos veículos intoxicantes na luta pela felicidade e no afastamento da desgraça é tão altamente apreciado como um benefício, que tanto indivíduos como povos lhes concederam um lugar permanente na economia de sua libido. Devemos a tais veículos não só a produção imediata de prazer, mas também um grau altamente desejado de independência do mundo externo, pois se sabe que, com o auxílio deste “amortecedor de preocupações”, é possível, em qualquer ocasião, afastar-se da pressão da realidade e encontrar refúgio num mundo próprio, com melhores condições de sensibilidade. (**FREUD EM “O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO”**).

O uso, abuso e dependência de drogas representa hoje importante problema social, político, econômico e cultural no mundo. As mais variadas formas de comunicação demonstram rapidamente uma grande quantidade de informações referentes, principalmente, ao consumo, tráfico e tratamentos a dependência de drogas. Temos notícias, reportagens e debates praticamente diários na imprensa escrita e falada, relativos ao tema que enfocam desde o tratamento e a repressão do tráfico, até possíveis abordagens educativas (CARLINI, 2009). Nessa realidade sobre as drogas na atualidade, optou-se nesta, pesquisa usar como principal foco a problemática do crack na vida do dependente biografado, que já pode ser considerado questão de cunho social e sério problema de saúde pública, que envolve hoje todo o País.

No momento atual, vivenciamos o que já podemos dizer “uma epidemia do uso de crack”, pois aproximadamente 98% das cidades brasileiras estão perante o problema de consumo e circulação do crack. Seu baixo custo é considerado um sério fator para sua proliferação, não escolhendo cor, raça nem condição social ou econômica. Pode-se afirmar que: “são inúmeros os desdobramentos da questão do crack e, por isso, se faz necessário conhecer esse problema para pensar ações numa perspectiva de resolução e mudança social”. (Observatório do crack – CNM, 2011).

Outro aspecto de grande relevância é o aumento progressivo nos estados das regiões Sul e Sudeste, constatado nos levantamentos consecutivos dos anos de 1987, 1989, 1993, 1997 e 2013 acerca do consumo do crack entre as crianças e adolescentes em situação de rua. Na Região Nordeste, este consumo era

insignificante até 1997 (em média de 1%), porém subindo na cidade de Fortaleza em 2003 para 10% e na cidade do Recife para 20%. Os dados e informações relativos ao consumo de crack no Brasil, ainda estão distantes do desejável, principalmente, no que diz respeito a direcionamentos de ações nas políticas públicas por via de constatações científicas (CAD. SAÚDE PÚBLICA, 2008). As pesquisas, quando de cunho etnográfico, por fornecerem dados qualitativos e, especificamente, sobre o uso de determinada droga, possibilitam delinear características específicas desses usuários, como também conhecer a realidade dos consumidores (Uso de drogas psicotrópicas no Brasil, 2001).

A Política Nacional sobre Drogas – PNAD ressalta a necessidade do desenvolvimento constante de pesquisas, estudos e avaliações que possibilitem o aprofundamento de conhecimentos a respeito dos problemas e consequências individuais e sociais do uso de drogas.

É importante questionarmos propostas e atendimentos que tenham como principal exigência a abstinência, e não levam em consideração a delicadeza que envolve todo um processo de mudança. Desta forma, “propomos a ampliação dos espaços de diálogo e discussão acerca das experiências que vêm dando certo; assim como a necessidade de escuta do usuário de crack, nos processos de planejamento e organização de estratégias de acolhida e cuidado”. (DIAS, 2010, p. 5).

Há algumas décadas, as Ciências Humanas eram totalmente excluídas de estudos sobre drogas, considerado domínio apenas da Medicina e Psiquiatria. Gradualmente, porém, essas abordagens se tornaram insuficientes em suas respostas, sendo necessárias as indagações de outras abordagens, como as de cunho apenas sociológico (BIRMAN, 2007). Nesse caso, Djanbolakdjian (1998), acentua que, “tanto as abordagens médicas como as sociológicas tem seu valor, porém nada nos dizem em relação à subjetividade dos usuários”.

Apresentados os dados governamentais, a necessidade de pesquisas, estudos e abordagens em várias disciplinas e campos do conhecimento, fica expressa a relevância deste trabalho. O problema do crack não necessita somente de ações nas áreas da saúde, justiça, assistência social e educação, pois, é preciso entender que também permeia territórios que envolvem o ser humano em questões

bem mais profundas, dignas de serem ouvidas e contadas, principalmente, a partir de sua realidade e contexto sociocultural.

Embora a mídia esteja apontando para as drogas e especialmente o crack como sendo um dos grandes problemas sociais e a principal causa da violência, é preciso investigar até que ponto essas questões estão na história contemporânea. Nesse contexto, propõe-se pesquisar de que forma este fenômeno está relacionado às práticas educativas e culturais de usuários de crack.

Na tessitura acadêmica desta pesquisa, dentre as dificuldades enfrentadas na sua realização, a primeira delas, foi o desafio inicial de conseguir compor pesquisa e experiência profissional em elaboração, acompanhamento e gestão de projetos sociais em escolas pública, comunitária e com a Associação de Apoio ao Programa Comunidade Solidária – AAPCS. Possuía requisito em seus editais, além de toda a estrutura de uma pesquisa-ação, a exigência na sua proposta pedagógica, da inclusão e de forma interdisciplinar, o conteúdo da parte Diversificada dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, ou seja, os Temas Transversais, que tratam das discussões sobre Pluralidade Cultural, Meio Ambiente, Saúde e Orientação Sexual, a serem trabalhados fora da escola. Tais conteúdos envolvem um conjunto de práticas educativas e variados saberes socioculturais em comunidades (favelas) tidas como carentes, convivendo diretamente com crianças e adolescentes em situação de “risco social”, com famílias e contextos associados à violência bem como, uso e tráfico de drogas ilícitas.

Vivenciar durante anos, essa realidade em minha trajetória profissional de trabalhar com os chamados “grupo das minorias”, problematizar esses temas nas dimensões social, cultural e educacional, foi fato de forte sedução pela busca de entender as relações de forças que envolvem a problemática com usuários de substâncias psicoativas e mais especificamente de crack, para o curso de Mestrado em Educação.

Esta pesquisa tornou-se para mim, enquanto pesquisadora, sempre sob a companhia de amigos e pessoas queridas, preocupadas por demais com minha segurança, um trabalho que apesar de custoso, e até mesmo ariscado, uma travessia que deve e vale a pena ser realizada na atualidade, seja por sua efervescência midiática em torno do tema, seja pelos problemas que envolvem as políticas públicas de áreas diversas, como saúde, justiça e social, quanto pelas

possibilidades de se pensar e se reelaborar o assunto no campo da memória e história da educação, proporcionando, inclusive, propostas pautadas e potencializadas pela perspectiva que a educação pode nos proporcionar, por via de práticas educativas e culturais que venham a surgir nesse campo de estudo.

Assim, reconhecemos que a criação de um trabalho com a amplitude de envolver diversas áreas do conhecimento, tema tão polêmico como é o uso do crack na atualidade, tem o poder de assumir uma relevância tanto social quanto educativa, com as mais diversas finalidades nas distintas instituições, saberes e perspectiva educacional.

Esta pesquisa tem como objetivo investigar práticas educativas e culturais dos usuários de crack, com arrimo na história de vida de um dependente dessa droga, tecendo dados e informações de seu contexto familiar, relacionando vivências, fatos e determinantes educativos e culturais que colaboraram na memória e história de vida de sua dependência do crack. Apontamos como princípios norteadores do ensaio, a análise do fato de como a droga crack entrou na vida de um dependente químico, o papel da família no movimento de dependência de usuários de substâncias psicoativas, para desta forma, descobrir os significados entrelaçados nos contextos socioculturais de usuários de substâncias psicoativas. Consideramos importante que a discussão da pesquisa seja norteadas por questionamentos que favoreçam reflexões a respeito dos contextos socioculturais favorecedores do uso do crack na contemporaneidade, de situações relacionadas a esta prática viciadora. O objeto de estudo desta pesquisa são as práticas educativas e culturais que envolvem o contexto sociocultural de usuários de crack, com origem na história de vida de um dependente dessa droga.

A elaboração de uma pesquisa é minuciosa. Sua produção perpassa limites, possibilidades e rituais previamente estabelecidos pela comunidade acadêmica. É na diversidade dessas circunstâncias que foi efetivado a escolha do tema, dos referenciais teóricos, da metodologia e da justificativa do percurso entre sujeito e pesquisador. Entendemos as áreas da saúde e sociológica, no referencial teórico, como perspectivas essenciais na compreensão das representações que envolvem usuários de crack, em meio a uma rede de significados nas dimensões micro e macrossocial da história contemporânea.

A cada releitura realizada, quando tecida a escrita, e, o material que levantado, nota-se as dificuldades, limites e possibilidades em coordenar os referenciais empregados, com a constituição do pensamento e concepções almejada para reconstituir, proporcionando à pesquisadora desafios e um prazer imensurável na movimentação da produção escrita, o que, é deveras interessante.

Percebe-se nos pressupostos teóricos, excelentes aliados para uma compreensão das relações que fundamentam as situações, preconceitos e estigmas sociais de violência, como forma de conhecer e analisar os sistemas e estruturas de pensamentos, que estabelecem a exclusão dos não privilegiados e as formas de dominação, reproduzidas nas relações da sociedade capitalista e no sistema de educação brasileira. Este estudo tem a intenção de incitar vários encontros, pois, como diz Pereira (2007), “aludamos por fim, ainda que de passagem, ao encontro da história com a psicologia e com a antropologia”, encontros esses de suma importância na interação dos conflitos socioculturais e na história da educação. Como ele mesmo acentua,

O historiador tardou, todavia, a incorporar de forma apropriada esses discursos, como, aliás, sucedeu com o dos pedagogos e o dos antropólogos. Uns e outros foram frequentemente parafraseados, resumidos, citados e tomados como referência teórico-conceitual e menos como fonte ou objeto historiográfico. A uns e outros, o historiador fez apelo de autoridade e deles se socorreu para enriquecer e adequar o seu discurso aos escalões etários, às características culturais, às debilidades sócio-afetivas. E, no entanto, tardou a apropriar-se e a integrar de forma crítica e equilibrada tais contributos na sua narrativa historiográfica. (P. 19).

Conquanto a história da educação tenha tardado em tomar posse e em integrar-se às questões que tratam da pessoa humana, como o diálogo, a linguagem, o conflito de culturas, à origem e formação da cultura escolar, são vários os contributos e as indagações explicativas que envolvem a História e a Educação (PEREIRA, 2007).

No quadro da história cultural ressaltam os autores fundamentais e sempre revistados, entre os quais: Michel de Certeau, Jacques le Goff, Daniel Roche, Dominique Julia, Roger Chartier, Jaques Revel, Thomas S. Popkewitz, Sol Coher. Sentamo-nos hoje ao lado de especialistas da história cultural ou da organizacional, conferir predominância a conceptualizações sociológicas, psicológicas, antropológicas; assumir as críticas do *linguistic turn*; abrir novos objectos e olhares através da demografia e da etnografia, não deve ser entendido como uma fuga à filosofia ou à pedagogia, mas como uma nova abertura à

interdisciplinaridade e, porventura à transdisciplinaridade e à trans-espacialidade, como vem praticando a história comparada. (P. 20).

Estes são caminhos que perpassam discursos híbridos, com insistência a registros e formas de representações que aprofundam o potencial e a flexibilidade de novos instrumentos de comunicação e linguagem ante a complexidade e os desafios dos fenômenos e objetos educacionais. Esse tipo de pesquisa busca aprofundar a análise e, na medida do possível, trabalhar com a experiência social do sujeito expressa no seu cotidiano, ou seja, com a cultura, com o modo de vida e significados atribuídos a valores, sentimentos e práticas sociais do sujeito biografado referente ao uso da droga crack.

A presente pesquisa no seu primeiro capítulo é iniciada pelos relatos da trajetória de vida do sujeito biografado, tendo como primeiro foco sua descoberta da droga crack e trajetória de uso dessa droga, a condução das linhas de forças que entrelaçam o papel da família, o contexto sociocultural e a escola na relação de combate ao uso de drogas, direcionados pelo foco de como esse uso foi constituído historicamente e de que modo se transformou na sua trajetória de vida.

Segundo Foucault (2005 *apud* Silva 2002), para alcançar nossos resultados, é necessário que haja a desconstrução ou desnaturalização das forças cristalizadas e instituídas, ou seja, é necessário apontar para o caráter contingente que marca a constituição destas, mostrando-as como fruto de uma historicidade e de determinadas condições de possibilidades. A discussão proposta nesta pesquisa é poder compreender, no objeto de estudo, que práticas educativas e culturais puderam acontecer durante sua trajetória como dependente de crack e de que maneira atuavam na constituição desse objeto.

Apresenta-se no segundo capítulo o percurso histórico das drogas como um forte aliado para entendermos as discussões culturais, alguns questionamentos essenciais ao nosso debate sobre a problemática das drogas. trazendo as principais considerações desse assunto, com base no que foi realizado pelo jornalista Tarso Araújo (2012), pois ele se intitula em seu livro “Almanaque das drogas”, **um viciado** (grifo meu) no debate sobre drogas. Embora o autor tenha realizado um ótimo estudo sobre os impactos econômicos que as drogas produzem, assim como, seus efeitos na saúde e na política, como também, questões relativas às definições e classificações das drogas, segundo sua forma e efeitos (SANCHEZ, 2002).

Sobre o percurso histórico de coca, cocaína e crack, continuamos o percurso mostrando que a mastigação das folhas de coca nas culturas pré-colombianas dos Andes não é somente um produto, mas também uma herança cultural desses povos (HURTADO, 1995). Continuamos o percurso das folhas de coca, passando pela cocaína até chegar à história de chegada do crack, adentrando o contexto sociocultural que o crack teve de passar pelos discursos midiáticos e dos técnicos da saúde, segundo Domanico (2006), promovida pelos empresários morais no que diz respeito ao *pânico moral* repercutido na sociedade brasileira

Nas implicações socioculturais, puxamos a ponta desse novelo com uma boa discussão sobre cultura, também na voz de Michel de Certeau (1998). O autor interpreta as práticas culturais contemporâneas dos modos da vida cotidiana, descrevendo-a como sendo as produções do dia-a-dia em **Artes de Fazer**, consideramos, também, a legitimidade dos saberes e valores de práticas subterrâneas, como prática cultural dos não produtores de cultura, de forma que vão modificando os objetos e os códigos, abrindo caminhos nas imposições das políticas culturais relativas às situações estabelecidas pela sociedade e suas relações de força e poder em (FOUCAULT, 1997), (CANCLINI, 2009).

Torna-se necessário trazer à tona, a análise e reflexão a respeito dos discursos médicos sobre uso de drogas na atualidade, o qual ordena a produção e reprodução de referências a essa temática, e posteriormente controvérsias essenciais à compreensão do consumo das “drogas” nas noções de prazer, risco à saúde bem como, a artificialidade desse prazer, em meio aos sentidos ilusórios proporcionados aos usuários de drogas (FIORE, 2005, 2008), (LARANJEIRA, 2010).

Como recorte na revisão de literatura, delineou-se, as práticas educativas no combate ao uso de droga, propostas em programas de prevenção ao uso de drogas em escolas estadunidenses e brasileiras, como princípios uteis e pertinentes à soma de esforços da Saúde e Educação no combate às drogas, respeitando, é claro, as especificidades de cada país e as necessidades peculiares as populações-alvo (CANELOTTI E SOARES, 2005); (SILVA E MATOS, 2012).

Todo e qualquer pesquisador, ao analisar as informações, não pode seguir um trajeto às escuras, mas antes deve assumir determinados procedimentos que demonstrem um caráter de objetividade aos dados, de forma que seja facilitada sua interpretação. Com efeito, a pesquisa emprega o procedimento das técnicas de

entrevistas para coleta de dados. Os resultados foram associados com as teorias exploradas. Intercalando da História da Educação para o campo historiográfico, fazendo-se necessário um esclarecimento sobre as tendências dos saberes históricos e modernos produzidos pelos campos e modalidades em que se organiza o pensamento historiográfico na atualidade, conforme Barros (2004, p.8):

A chave para compreender estes vários campos, conforme veremos está em distinguir muito claramente as divisões que se referem a **dimensões** (enfoques), as divisões que se referem às **abordagens** (ou modos de fazer a História), e as divisões intermináveis que se refere aos **domínios** (áreas de concentração em torno de certas temáticas e objetos possíveis).

Marieta de Moraes Ferreira, (2000) informa que somente nos anos 1980, é que começaram a se registrar as principais mudanças nos campos da pesquisa historiográfica, quando foi dispensado mais valor à análise qualitativa, trazendo junto a importância das experiências individuais e para a vivência de situações singulares. Com efeito, a história cultural impulsionou o atrelamento do estudo do político à história, ao estudo do contemporâneo e da cultura, todos estes estudos entrelaçados, então, aos debates sobre a memória e suas relações com a História. A autora diz também que essa perspectiva de poder interligar história e memória possibilitou a aceitação do valor dos testemunhos diretos como fonte a mais para pesquisas históricas, possibilitando a reintegração do papel da pessoa no processo social da história oral de hoje, a então chamada de História recente, ou de História contemporânea. Verena Albertine (2006) reitera a idéia de que a história oral propõe o registro de testemunhos que nos possibilitam adentrar “histórias dentro da história”, inclusive dando a seguinte definição para História oral:

A História oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimento e conjunturas do passado e do presente. (2006, pag. 155).

A autora citada acima entende que, embora seja um processo trabalhoso, uma das principais riquezas da História oral se dá em permitir o estudo das várias maneiras de como determinados grupos ou pessoas realizam experiências, inclusive situações de aprendizagem e decisões estratégicas em suas vidas, como também, visa a responder apenas a determinados pontos em questão e não representa uma

solução aos problemas propostos. Isto nos permite assumir nesta pesquisa a História oral como metodologia de pesquisa, relacionada a um tema tão polêmico na atualidade, como é o uso do crack.

Em conformidade com a metodologia adotada e o com propósito da pesquisa, foi assumido como principal fonte para a coleta de dados a entrevista de história de vida, com o centro de interesse no próprio sujeito e sua trajetória de uso de substâncias psicoativas até chegar ao crack. Por meio da entrevista de História oral articulada com o gênero biográfico, possui como foco principal a vida do sujeito ligada ao tema, a droga crack, interligando a biografia de Bim Guerra a sua vivencia e experiências de uso, abuso e dependência dessa substancia altamente viciante.

A produção de história oral biográfica implica a seleção de fontes, que podem ser orais ou escritas, com efeito, a pesquisa tem como subsídio fundamental a entrevista informal ou espontânea, com perguntas abertas, como na conversa entre o pesquisador e o sujeito e o diário de campo, permitindo que ele discorra acerca do assunto de forma cronológica e detalhada do seu uso de substâncias psicoativas até chegar ao crack. De tal modo será possível definir os melhores registros da história de vida do biografado, aportando aos objetivos da pesquisa.

Vovy Pacheco Borges (2006) expressa alguns conceitos de biografia, hoje:

Biografia 1- Narração oral, escrita ou visual dos fatores particulares das várias fases da vida de uma pessoa ou personagem. 2-O suporte físico (livro, filme, texto teatral, disco óptico, etc.) onde se insere uma biografia. 3- A história de vida de alguém. 4- compilação de biografias de homens célebres. 5- Gênero literário cujo objeto é o relato da aventura biográfica de uma pessoa ou de um personagem. 6- Ciência relativa à essa espécie de descrição. (pag. 204).

Podemos, por meio da biografia, analisar várias questões e importantes paradigmas usados na interpretação social, política e cultural da Educação, no que se relaciona tanto às desigualdades escolares, como também aos fenômenos no processo de transmissão dos saberes culturais e de praticas educativas.

Propõe-se descobrir como esses saberes são capazes de formar, novas relações de poder por meio da desconstrução do que já existe. Isso é possível, segundo ele, porque a história é sempre marcada por descontinuidade em virtude de constantes mudanças e transformações de saberes e práticas já articulados. Desse modo, são estabelecidas linhas de força entre saber-poder que passam por eterna

descontinuidade. Significa pensar as práticas educativas e culturais na trajetória de um dependente de crack, remetendo-nos a uma análise de desconstrução, não levando em conta o que é divulgado pela mídia, ou pelos saberes instituídos, e assim, entender como determinados conceitos impregnados e naturalizados, podem ser reorientados a uma nova avaliação, para análise dos problemas estabelecidos, na tentativa de visualizá-los com a óptica da descontinuidade histórica na vida do dependente biografado. Isto é, apesar dos fatos cronológicos e de suas sucessões, pretendemos avaliá-los em suas mudanças com base nas primeiras drogas que Bim Guerra começou a usar aos sete anos de idade, desde a cola, maconha, haxixe, cocaína até o crack. É importante percebermos as transformações caracterizadas por saberes e práticas articulados como sensações e experiências vividas por ele, numa história em descontinuidade. Ao falar sobre as forças que se opõem e que subjazem, enfatizamos a atuação dessas forças no tocante a uma sociedade disciplinar, no caso, a família em seu movimento de codependência do usuário de substâncias psicoativas, a escola caracterizada por técnicas disciplinares e dispositivos normativos que servem de mediação ao dependente de crack e sua família. Por fim, a própria sociedade, que cria espaços de confinamentos ao imprimir rótulos sobre o usuário de crack. Tais necessidades, ao determinar espaços de confinamentos ao biografado como morador de rua traçam um percurso próprio de descontinuidade histórica. (FOUCAULT, 1979).

Esta pesquisa ocorreu por meio de entrevistas, onde a fala de Bim Guerra, norteando o percurso dos saberes subjetivos que envolve o dependente biografado, sua vivência, sua história de vida com origem no uso de drogas desde a infância até a fase adulta atual.

Quanto à forma, foi realizada uma pesquisa qualitativa na intenção de preocupação com uma análise de desconstrução de determinados conceitos, na abordagem da problemática do crack e não em resultados numéricos, trabalhando com a trajetória de vida do usuário de crack, Bim Guerra. Ao trabalhar com sua história, sua biografia, não queremos separá-lo de seu contexto social tão pouco olhá-lo por uma direção somente, mas tentar compreender sua história com os devidos cuidados de não nos voltar para o senso comum, vendo sua trajetória como cristalizada, estática. (BOGDAN e BLIKEN, 1994).

Para o primeiro capítulo, a pesquisa apresenta os relatos da trajetória de vida do dependente de crack biografado, elencando uma boa discussão no entrelaçamento de fatos e percepções relativos a crack e sujeito – relação de exclusividade que não permite mediações

No segundo capítulo, intitulado “Drogas – visão panorâmica na esteira do tempo” retrata o percurso histórico da droga com suporte em questionamentos sobre definições, termos e classificações relativos ao entendimento do que é droga. Em seguida, concederá enfoque especial à cocaína e ao surgimento do crack no mundo e no Brasil, relacionado ao uso, abuso e dependência, nesse percurso histórico. Trata, ainda, do percurso da coca, cocaína e crack, desde a descoberta do “novo mundo” as suas implicações socioculturais, e os conceitos estabelecidos pela sociedade em torno do “pânico moral”.

Na sequência, o terceiro capítulo, procura clarificar práticas educativas e culturais apresentadas nas narrativas do sujeito biografado, por meio dos encontros da História, da Psicologia, Saúde e Educação, percebendo nos pressupostos teóricos consideráveis aliados para a compreensão das relações que fundamentam a complexidade de ideias, sentimentos e atitudes das pessoas por meio de algumas questões subjetivas que envolvem a pessoa dentro dos espaços sociais e na diversidade cultural do sistema econômico, social e, principalmente educacional.

2. FATOS E PERCEPÇÕES NA VIDA DE UM DEPENDENTE POR MEIO DA BIOGRAFIA



FOTO 1 – Desenho de Bim Guerra (arquivo da autora)

A biografia nos dá a oportunidade de “um olhar” sobre a trajetória de um ser, traçando seus percursos por meio de sua identidade refletida em palavras, podendo, inclusive, apresentar um viés em diversas áreas, e, no momento histórico, se configuram temas tão discutidos pela sociedade, como é o caso de usuários de drogas, e mais especificamente, do crack. É muito propício para a elaboração de biografias, representadas pela encarnação em uma vida repleta das peripécias acontecidas num mundo complexo. Nunca pareceu tão adequada como instrumento de investigação histórica.

Nos projetos sociais que trabalhei, tive uma assistente de secretaria que me acompanhou durante vários anos da minha vida profissional. E nesse longo período tive a oportunidade de acompanhar seu namoro, casamento e separação com um dependente de drogas, inicialmente de outras drogas e posteriormente do

crack. Luiz Cleber Guerra Bessa, hoje com 39 anos, apelidado no bairro com Bim e complementado por mim com Guerra – Bim Guerra. Assim que surgiu a importância e oportunidade de realizar esta pesquisa com um dependente de crack, o qual tivesse uma trajetória de vida bem interessante, com uso, abuso, tráfico de quase todos os tipos de drogas, passagem por cadeias e presídios, além de grandes perdas, como a de um casamento e a relação com sua filha, relacionamento com familiares e parentes e por último, vivendo como morador de rua. Veio-me logo a proposta de biografar Bim Guerra com uma história de dezoito anos de dependência somente do crack, até o momento.

Quando apareceu a oportunidade de pesquisar sobre esse tema, ao procurá-lo, já o encontrei em uma situação bem diferente da anterior. Sua mãe havia falecido, estava separado e morando na rua. De início juntamente com amigos, tivemos como primeira dificuldade para encontrá-lo, pois embora morasse na rua, não podia permanecer no mesmo lugar por muito tempo, pois devia aos traficantes e estava constantemente ameaçado de morte, além de fugir da polícia. Depois de várias noites à sua procura, conseguimos encontrá-lo em uma mercearia próxima da casa de seus pais. Estava há cinco dias sem tomar banho, dormir e comer. Quando o achamos, ainda eufórico e um pouco machucado, estava fugindo do chefe de uma boca de fumo a quem ele estava devendo dinheiro e ainda machucado por várias coronhadas, socos e pontapés. Tomou um banho na casa de um dos meus amigos, e trocou de roupa. Então fomos a uma churrascaria para, juntos comermos algo, pois fazia cinco dias que não se alimentava.

O trabalho de campo foi iniciado pela história de vida e trajetória de uso do crack do sujeito biografado, com a finalidade de coletar dados iniciais da sua vida em relação ao uso de drogas e dependência do crack, cronologicamente. Após a primeira etapa, foram realizadas entrevistas semiestruturadas sobre o contexto e estrutura social em que o sujeito está inserido, seu percurso no tráfico, cadeia e presídio, suas perdas e riscos resultantes da dependência do crack, sempre exprimindo suas percepções na tessitura dos conceitos apresentados e as categorias tratadas neste estudo, que emergiram na hipótese verificada no estudo e a análise dos conteúdos.

Para dar início à análise da história das drogas e das falas de Bim Guerra, é importante discutirmos aspectos que nos ajudem a entender o porquê de os

homens continuarem usando drogas, a despeito de toda sua negatividade e dos esforços empenhados em combater esse uso. Portanto, para um entendimento mais pleno da questão das drogas, especificamente do uso do crack, deve-se levar em consideração os “diferentes sujeitos” e a subjetividade que os envolve, quando fazem uso dessas substâncias, assim como os diversos contextos culturais e educativos que permeiam essa realidade que será apresentada nos próximos tópicos de estudo por meio da trajetória de vida de Bim Guerra.

2.1 Trajetórias de uso, abuso e dependência do Crack

Na oportunidade de realizar a primeira entrevista, convém ressaltar que, nas entrevistas, muitas vezes, a palavra quando dita e gravada pelo sujeito não pode ser vista como um fenômeno ou mesmo ação isolada. Isto porque, do que não é dito, ou melhor, verbalizado como é o caso dos gestos, das expressões faciais, interjeições e até mesmo emoções em forma de lágrimas, risos, silêncios, pausas etc., pode e deve fazer parte dos discursos que precisam ser trabalhados nas várias dimensões do sujeito. Como já tínhamos contato há muitos anos, sentia-se seguro para falar abertamente comigo e principalmente em expressar-se nas mais variadas formas. Meihy (2007) ensina que,

Mesmo não sendo possível dissociar a eletrônica dos contatos diretos para a produção da história oral, sabe-se que nada substitui a percepção do entrevistado no ambiente da gravação. Portanto, uma entrevista não é apenas uma coleção de frases reunidas em uma sessão dialógica. A *Performance*, ou seja, o desempenho é essencial para se entender o sentido do encontro gravado. Olhar nos olhos, perceber as vacilações ou o teor emotivo das palavras, notar o conjunto de fatores reunidos na situação da entrevista é algo mais do que a capacidade de registro pelas máquinas, que se limitam a guardar vozes, sons gerais, e imagens. A percepção das emoções é bem mais complexa do que aparenta, e sua captação se dá apenas pela presença física de pessoas (Pag. 2007).

Iniciada a primeira entrevista, partimos da trajetória de uso do crack na sua vida, com o propósito de coletar dados iniciais de sua história de vida em relação ao uso de drogas e dependência do crack. Bim Guerra começou então dizendo o seguinte:

Tinha vinte e dois anos, estava fumando maconha na casa de um amigo do mundo das drogas, no bairro que eu residia, onde estava outro amigo, o Jorjão do

Rio Grande do Norte, que era traficante. Ele estava vendendo uma cocaína de baixa qualidade, que perdia o efeito muito rápido, então disse que tinha uma coisa muito boa, era um “vira” ainda não tinha nem o nome de “crack”, naquele tempo era conhecido como “virada” feita com cocaína. Então ele virou, mandou um cara ir na farmácia comprar bicarbonato, colocou numa colher com um pouco de cocaína, botou água e acendeu o isqueiro debaixo da colher, então uma parte se transformou em pedra, dando tipo um choque térmico e sobrou tipo uma laminha, na verdade essa laminha era o desdobro, ou seja, as impurezas que eles colocam para aumentar a quantidade da cocaína, tipo pó royal, cal, etc. e o que se transforma em crack é só a cocaína pura. Um amigo meu que trabalhava para um traficante, ele comprava de peça (um quilo) de cocaína e quando quebrava, ou seja, transformava em crack, só dava umas setecentas ou até seiscentas gramas, às vezes eles não deixam nem ferver para não diminuir. Enfim, ele transformou a cocaína no crack, então eu usei a primeira vez, não senti nada. Ele disse, usa de novo e nada. Então somente na terceira vez que usei, foi que senti aquela sensação boa e de querer mais, a sensação de bem estar e vontade de querer mais, sensação de estar disposto inclusive a buscar de novo, me deixando capaz de qualquer coisa para conseguir mais. Você usa e em questão de dois a três minutos já quer mais e mais. Na verdade é a sensação de “mais”, dessa terceira vez, que eu já senti que estava dependente.

Ao pedir que ele descrevesse qual a diferença do crack para as outras drogas, empolgado, relatou que, a sensação do crack é totalmente diferente das outras drogas. Ele disse: “com a maconha eu ficava tranquilo, comia, dormia, trabalhava; com o crack você não faz nada disso, você desenvolve logo uma paranóia “nóia”, vive assustado, parece que está sempre procurando algo ao seu redor, como se estivesse perdido alguma coisa, e quando precisa roubar pra usar, você fica todo tempo com a sensação de estar sendo perseguido, é totalmente diferente das outras drogas”.

Para ele o crack têm suas fases.

No começo eu conseguia controlar, trabalhava sustentava meu vício durante muitos anos e assim eu usei e usava no lugar do almoço duas, três pedras e só usava a noite quando chegava em casa umas dez a quinze pedras. Passei ainda uns cinco anos conseguindo manter o uso através do meu trabalho, cheguei a sofrer até um acidente, como dirigia, desenvolvi uma paranóia que sempre tinha um carro do meu lado, ou seja, já saía para trabalhar preocupado em quantas pedras eu teria que arranjar naquele dia para me manter meu vício. Quando comecei a faltar o trabalho na segunda feira, não trabalhar mais na sexta, por causa das faltas perdi meu emprego, minha fonte de renda para manter o vício. Passei então a vender o que tinha em casa, quando não podia mais tirar o que tinha em casa, me colocaram pra fora de casa, foi quando comecei a furtar inicialmente frutas na Ceasa e depois uma bicicleta, a mente não racionalizava as conseqüências, foi quando fui preso pela primeira vez (mãe já havia falecido) por ter furtado uma bicicleta na Ceasa.

Fizemos a seguinte pergunta a ele: Onde vende cocaína não se vende crack? Por quê? Ele respondeu “Sim é verdade, o crack é ante-social, com a

cocaína já é diferente, as classes é diferente, eles separam, com o crack o consumo é bem mais rápido e os usuários fazem de tudo para manter o vício”.

Buscando analisar a conversa sobre como conheceu o crack e o que sentiu na primeira vez que usou, é importante, para melhor compreender a trajetória de uso do crack, situarmos as percepções que o sujeito cita quanto ao seu uso e sobre as relações e distinções que constrói do crack com as outras drogas. Percebeu-se em sua fala que embora já fosse usuário de drogas há vários anos e estivesse satisfeito com o uso da maconha e cocaína, ainda sentiu curiosidade em provar algo novo, uma “nova droga”. Embora o discurso público e midiático relate que a curiosidade de provar drogas seja uma das motivações dos jovens, percebe-se que esta curiosidade não é somente de quem ainda não provou drogas pela primeira vez, que os usuários, passam de uma droga tida como “leve” para uma “pesada”, depois que seu uso vai diminuindo o efeito. É o que acontece normalmente com os usuários, quando passam de uma para outra droga, mas, notamos que com ele foi diferente, foi testar uma nova droga, desmistificando que o crack, é apresentado como um percurso que culmina de “drogas leves” para “drogas pesadas”.

Além da “curiosidade em provar uma droga nova”, outro elemento mostrado que motivou Bim a querer conhecer o crack, foi a oferta, ou melhor, o descontentamento com a baixa qualidade da cocaína oferecida pelo traficante que lhe ensinou a transformar a cocaína que não era boa em crack. Neste sentido, sua trajetória até chegar ao crack, denota a maneira com que a disponibilidade externa ou dos amigos, incorpora uma das causas dos usuários aderirem novas drogas.

Outra percepção mostrada no primeiro relato está baseada no termo sensação usada por ele varias vezes e de formas diversas, identificando inclusive essa sensação já de dependência, dependência da “sensação de mais”, de maneira que será o termo *sensação*, uma das categorias emergentes na pesquisa.

Ao descrever qual a diferença do crack para as outras drogas, ele eufórico, com os olhos bem grandes, respirando bem fundo e com o rosto de decepção, meio sem entender o porquê da falta de controle que essa droga provoca no usuário, com um toda sua experiência com outras drogas. Relatou que a dinâmica de uso é totalmente diferente das outras drogas:

Quando usava somente maconha eu ficava tranquilo, comia, dormia, trabalhava. Com o crack você não faz nada disso, desenvolvi logo uma “noia”, ou seja, paranóia. É totalmente diferente das outras drogas diz ele, embora tenha conseguido passar uns cinco anos usando e trabalhando. Chegou um período que eu almoçava e jantava crack, não consegui mais manter as responsabilidades no trabalho, pois passava á noite acordado, quando o dia estava amanhecendo já estava totalmente sem disposição para nada. Foi quando separei, minha mãe faleceu e passei a ter que furtar para manter o vício, finalmente fui preso, eu identifico esse período como a segunda fase de uso do crack na vida de uma pessoa, quando ela não conseguiu mais nem manter o vício.

Ele, nesse relato, traça duas fases de uso do crack. A primeira como a fase do deslumbre pela enorme sensação de prazer e satisfação que o crack proporciona sensação de ousadia, força e poder, inclusive poder fazer qualquer coisa, como se fosse um super homem, onde essa primeira fase foi seguida pela continuidade do uso e adesão dessa prática ao cotidiano de vida por certo período de tempo, pelo menos dez anos, com utilização diária, sua disposição para trabalhar era justamente a vontade de manter o vício, sabia que precisava trabalhar, corria o dia todo só pra chegar à noite e usar. Era uma loucura, disse que trabalhava como entregador das empresas, Gás Butano e depois para a Ultragaz, dirigia moto de carga na maior loucura, às vezes até cochilava na direção, uma vez chegou a sofrer um acidente. Segundo seu relato cronológico de uso, explicando que o começo de uso do crack, era da seguinte forma:

Nesse tempo eu tinha uma moto, uma NX 150, saia de casa pela madrugada para trabalhar na Ceasa, recebia o pagamento do dia, então, eu já separava as frutas e verduras que o traficante gostava, além do dinheiro que levava para a compra. Logo no início de uso do crack, isso há uns quinze anos atrás, quando ainda só existia crack no sul, vinha de São Paulo, aqui ela era vendida na forma de tabletes, bem duro, um crack de laboratório mesmo, era o mais puro, seu efeito era bem mais duradouro, a pedra de R\$ 5,00 era bem grande, hoje é uma vergonha o tamanho e tipo das que vendem, hoje é uma pulginha, chega a ter o tamanho de um grão de arroz bem pequeno e ainda de péssima qualidade, ou seja, diminuiu o tamanho, eu armava a maior e a qualidade. Às vezes me revolto, e crio a maior eu a maior confusão nas bocas dizendo pra eles que isso é uma tremenda falta de consideração pelo viciado, é uma vergonha, é desconsideração para quem conhece o crack das antigas. Então eles diziam, cara fica calado, senão tu sai daqui é sem dinheiro e sem pedra. Esse crack antigo era vendido aqui através de um traficante que estava preso num presídio daqui, e sua família era a responsável por essa venda.

Depois na outra fase de uso do crack, ele descreve como a de desequilíbrio, descontrole e loucura, vontade de consumir cada vez mais e mais. Fase que o dependente é capaz de tudo para conseguir a droga, já não racionaliza

mais, não consegui mensurar as consequências dos seus atos, está totalmente comandado por ela, só quer usar, usar...

Disse que com a cocaína ele era diferente conseguia controlar, algumas vezes chegava a usar somente aos fins de semana. Com o crack, cheguei ao ponto de vender os botijões de gás da empresa que trabalhava para usar, deixava minha habilitação empenhada nas bocas, uma vez simulei até o roubo da moto e por último vendi até as botas que eram obrigatórias no trabalho, chegando a voltar para a empresa com os pés no chão.

Seu relato expressa claramente que Bim não tentou controlar o uso do crack com outras drogas, como a maconha e a cocaína, ele tentou controlar apenas a intensidade e quantidade de uso, conseguindo até certo tempo. Usando inicialmente apenas à noite, depois no horário do almoço e ao chegar em casa e à medida que aumentava a quantidade de pedras de uso nesses horários também aumentava a vontade incontrolável de usar além desses horários, descreve que começou usando de cinco pedras a noite, depois dez, quinze e progressivamente foi aumentando e alterando sua dinâmica familiar, nas mudanças de ritmo de seus horário de sono e conseqüentemente a produção do trabalho. Sendo essa “falta de controle”, tanto da intensificação de uso, quanto da quantidade destacadas dentre as principais características de uso do crack. Disse que atualmente chega a usar até quarenta e cinco pedras por dia ou mais, assim tenha disponível.

2.2 As primeiras experiências do uso de drogas

Relembrando quais as drogas que já havia usado no decorrer de sua vida, respondeu que começou a usar cola de sapateiro aos sete anos, quando um amigo disse que ao cheirar a cola tinha umas “alucinações muito legal, parecia que tava voando de avião, um sentimento de liberdade”; então teve curiosidade de ver se realmente era verdade.

Meus irmãos trabalhavam colando sandálias para uma fábrica dentro de casa, depois de uns 6 meses que começaram esse trabalho, sempre vinha ajudando eles nesse trabalho, então vi que eles cheiravam cola, dentro de casa mesmo. Foi uma coisa que eu comecei por incentivo, por curiosidade, por amizade e pra ter aquele certo prazer, queria ter aquela sensação, saber se era verdade o que um amigo deles diziam umas “alucinações muito legal, parecia que tava voando de avião, um sentimento de liberdade”. Como tinha latas de cola estocada, comecei

então a usar, lá pelos meus sete anos e até aos doze, já levava latinha de cola para cheirar no mato, que ficava em frente minha escola.

Depois de um certo tempo, tive uma forte anemia por causa da cola, então minha mãe me mandou passar uns tempos no interior, para ser tratado. Quando voltei dentro dos doze e treze anos, parei de usar cola, pois além do problema que minha mãe começou a marcar colado em mim, tendo então uma atenção redobrada comigo, não me deixava mais nem sair de casa e quando permitia, chegava até mesmo a cheirar minhas roupas e boca quando retornava para casa. Eu também havia decidido a deixar de cheirar cola.

Percebe-se claramente a aceitação da família de os filhos mais velhos, usarem drogas em casa (cola) e, conseqüentemente o mais novo também usar. O problema do uso da cola por Bim Guerra decorria dos problemas físicos de “saúde – falta de apetite e depois anemia, ocasionados pelo uso excessivo de cola. Então a mãe tentou resolver o problema mandando-o passar um período fora de casa na cidade de Jaguaribe, sua terra natal, sob os cuidados de parentes, e posteriormente não proibindo o uso dos irmãos da cola de sapateiro dentro de casa.

Ele fala como mudou o tipo de droga que usava, ou seja, como saiu da cola para a maconha.

Então mudei de droga mais ou menos dos doze para treze anos, iniciei o uso da maconha. Tudo começou quando estava sentado numa área tida como local de lazer do bairro. Tinha um campo para jogar futebol, foi quando chegou o finado Charles (usuário e traficante muito conhecido do bairro), enrolou e fechou um baseado, me entregou dizendo “vê se com isso tu deixa a cola” usei até os vinte e um anos, foi a que eu mais usei, usava conjugada com o raxixe. Nessa mesma idade também comecei a usar a cocaína e às vezes alternava com a maconha como forma de relaxar um pouco da cocaína. Então depois disso, aos vinte e poucos anos, comecei a usar o crack daí em diante somente o crack.

Aos nove e dez anos já furtava para comprar maconha e poder manter o seu uso, pois com ela minha adaptação foi muito rápida e de certa forma benéfica, afinal conseguia me alimentar bem, ficava com boa aparência e não recebia mais nem repreensão de minha mãe, pois como me alimentava bem, ela aceitava o uso normalmente. Foi então quando comecei a amizade com um cara mais velho com uma média de doze anos a mais que eu e ele me pegou furtando. Então como ele já trabalhava em um boxe da Ceasa – Centro de Abastecimento do Ceará S/A com sua tia, disse pra mim, olha cara tu agora vai trabalhar comigo, como vendedor de frutas e verduras, vai deixar de roubar.

Bim detalha o início de uso da cocaína da seguinte forma:

No começo eu usava cocaína só para praticar, depois só usava a maconha mesmo quando não tinha como comprar a cocaína, mais o forte mesmo quando eu comecei a usar era a maconha, embora eu tenha começado a usar a cocaína com esse amigo, a gente só usava cocaína no final de semana e era cocaína da boa, só pra curtir, a cocaína que a gente usava era de qualidade, branquinha, conhecida como “água de coco” mais ele usava pouco, ele tinha um controle que eu nunca tive esse controle, foi ele que me ofereceu a usar cocaína, eu comecei a usar cocaína com ele.

Questionei, por que você começou a usar cocaína? Somente porque ele te ofereceu? E ele me respondeu:

Pelo fato de eu ter muito contato com ele, ele sempre me convidava porque ele gostava de mim, ele me chamava pros canto né, desde 12 anos né. Ele sempre me levava com ele, só ele usava, então só ele me oferecia né, sempre me dava, como uma forma talvez até de me agradar, aí eu fui, comecei a usar cocaína e eu usava pouco né a cocaína até como o meio social de forma social porque o uso dela não demonstra muito, e quando ele ia usar ele não queria usar só ele me levava com ele, mais ele estava usando a cocaína e eu já tinha só ouvido falar da cocaína, só que eu não tinha usado ainda. Nesse tempo eu já vendia maconha pra ele, então ele me ofereceu, então fui perdendo o desejo pela maconha. Foi nesse período que entrei no o tráfico pesado de uma grande quantidade de maconha, chegando a receber carradas dela e assumindo o posto de vigia do local onde a droga ficava guardada, equipado com revolver e espingarda, como era ainda um menino já numa vida tão perigosa, me deram o apelido de pivete, aquele do filme.

Ainda sobre a cocaína, lembro que quando fui vender maconha ao Jorjão (aquele que me apresentou o crack), ele me ofereceu cocaína, como a cocaína que começou a usar era de boa qualidade, quando provei essa de outra fonte, não dava o mesmo efeito físico da outra, visualmente era a mesma coisa, o que muda mesmo é o efeito, quando é da boa logo vi que não era da boa, a cocaína dele não tinha qualidade, pois quando eu usava não dava a sensação de anestesiado no nariz “porque quando ela é da boa, ela adormece tudo, ela me adormecia tanto que eu ficava todo dormente e deixava certa paranóia, só que uma paranóia leve, não tirava a sanidade mental, moral, não saía em si né” e como essa cocaína era mistura, seu efeito durava pouco, cortava o efeito rapidinho. Passei muitos anos usando cocaína e maconha com esse amigo, ele usava controlado, nos finais de semana quando saíamos para festas e ele percebia que estava ficando embriagado, usava cocaína para cortar o efeito do álcool, mas tudo de forma muito controlada e de certa forma eu também.

Ao relatar sobre essa alternância de uso da maconha e da cocaína, fica meio revoltado tentando explicar que se não tivesse conhecido o crack, até agora estaria muito bem usando apenas essas duas drogas “maconha e cocaína”, e fica angustiado se esforçando na busca de compreender porque esse amigo que também provou o crack depois dele, voltou para a cocaína normalmente e hoje leva uma vida normal, inclusive progredindo no trabalho.

2.3 Sua família

Ficou claro em seu tom de voz e com pensamento já bem definido a participação e até mesmo apoio de forma indireta, é claro de familiares na continuidade do seu vício. Onde ele fala demonstrando certo ressentimento e dúvidas, não compreendendo bem hoje, as atitudes de sua mãe, comentando que poderia até ter conseguido se formar, ter uma profissão, pois era um aluno com boas

notas, que as professoras reclamavam de seu comportamento de chegar à sala de aula com forte cheiro de cola, e muito dinheiro para minha idade, mas nunca de minhas notas:

Certo dia minha mãe perguntou se ele me tratava bem e se estava bem no trabalho que ele havia arrumado para mim, então ela me perguntou você realmente está bem? Então respondi: sim senhora estou, ele está me tratando muito bem, ele só usa maconha de vez em quando comigo, nesse momento abri o jogo com ela e afirmei que usava maconha e ela me respondeu que então agora ia ficar só observando meu comportamento e minha saúde.

Foi dado então início a uma grande e longa amizade de venda e transporte de drogas. O maior beneficiado, claro, era ele. Ele me levava para andar de carro, passear, fumava maconha junto com ele, era bem legal, o tempo foi passando e eu me aprofundando no trabalho com ele. Quando o tio dele morreu, quem realmente era o dono do box e mais apegado, e sua tia era bem severa, aquele povo mais idoso, mais severo, rígido. Isolou ele de tudo e ainda tirou ele do box, deixando ele trabalhar somente na pedra (local para pequenas vendas no varejo), colocou os filhos dela para assumir o box em seu lugar. Então fiquei trabalhando diretamente com ele. Foi quando esse dito “amigo” me apresentou a cocaína, por volta dos meus treze a quatorze anos de idade, comecei então a usar a maconha e a cocaína combinada uma com a outra.

Já em relação a sua esposa e filha, ele fica extremamente emocionado, chegando inclusive a chorar e diz:

Hoje com quatorze anos de idade, é uma lida adolescente, estudiosa, inteligente, quando encontro com ela em algum lugar, me escondo ou então baixo a cabeça e faço de conta que não está vendo, porém sempre que posso, fico observando e de certa forma cuidando dela de longe. Quanto a minha esposa, hoje estamos divorciados, reconheço que fui o causador de toda desestrutura familiar e separação, sofro muito com tudo isso.

Em uma das entrevistas em que ele não estava sob o efeito do crack, e por sorte, sua filha estava junto, ao relatar a loucura que era uma das fases de uso do crack, que roubava o que tinha em casa, sua filha acrescentou em uma de suas falas, que lembra quando sua mãe foi trabalhar, ele chegou em casa e pegou o DVD para vender.

Então perguntei sobre sua família ele respondeu de forma irônica e triste:

Eu não tiro a razão de minha esposa ter separado de mim, ela não aguentou, também, coitada, tentou me ajudar de todo jeito. Mas o crack é muito ciumento, ele não deixa você se preocupar com família, com ninguém, meu relacionamento é só com a droga, trava sua mente, tira seus sentimentos, a família só serve para ser manipulada conforme minha necessidade de usar a droga.

Depois que sua mãe faleceu, ficou muito difícil conseguir manter o vício, era ela quem lhe dava dinheiro para ajudar nas despesas de sua família, juntamente

com sua esposa e é claro para a compra da droga, depois de seu falecimento ficou muito difícil, passou então a trocar as coisas de casa, onde sua esposa teve que amarrar a geladeira, pois já tinha trocado quase tudo pelo crack. Chegou uma hora que ela não suportou mais e pediu separação, onde ele considera como sendo a última fase da vida que o crack lhe deixa.

Foi quando então tive que voltar para casa de meu pai por uns tempos, mas quando comecei a roubar o que tinha em casa, meu pai me expulsou, chegou inclusive a pagar um aluguel para mim, mas não deu certo, pois fiquei morando numa boca de fumo e usava o dinheiro do aluguel para comprar a droga. Então fui morar na rua, ou melhor, inicialmente fui ser traficando drogas e depois roubando para manter a loucura do vício.

Percebo claramente nos seu relato e em seus olhos, uma grande tristeza mais pelas perdas materiais, profissionais e até mesmo sobre o relacionamento com sua filha. Já em relação ao sofrimento causado aos pais e esposa ele parece não dá muita importância.

2.4 E agora, para onde ir?

CEASA – local mais frequentado por ele durante toda sua vida de uso, abuso e dependência do crack, situada em Maracanaú – região metropolitana de Fortaleza e atualmente local do seu dia a dia de luta pelo vício, por meio de pequenos furtos, ciclo de amizades e de vez em quando dormida.

Discorrendo um pouco sobre o local mais frequentado por ele durante todas as fases de uso de drogas da sua vida, onde passa a maior parte do dia, onde se sente seguro, quando já não tem mais forças nem para andar, dando o que ele chama de passamento – esgotamento físico, então adormece no local, que na opinião dele é o mais seguro, dorme debaixo da cabine de policiais que fica bem na entrada do Ceasa, onde ele chama de “mosqueiro”, depois de passar até quatro, cinco dias sem comer nem dormir, diz que a Ceasa,

É onde ainda criança comecei a furtar, trabalhar e hoje é o principal local de fonte de renda para alimentar meu vício, através de pequenos furtos de frutas, verduras, bicicletas e roubos de caixas de ferramentas dos caminhões de carga. O Ceasa funciona de dia e noite, de segunda a segunda, todo mundo sabe que rola forte consumo de drogas, tanto por empregados, quanto por patrões proprietários de boxes e comércio em geral, de prostituição e circulação de drogas, especialmente o crack.

Para ele, a prostituição é uma forte ferramenta para o uso das drogas, lembra que sua última “queda”, depois de seis meses de internação numa comunidade terapêutica e mais seis meses sem usar o crack, totalizando um ano “limpo” foi ocasionado ao sair com uma prostituta usuária de crack, da região de entorno do Ceasa.

Quando o reencontrei ele estava como catador de lixo nas ruas em outro bairro devido os riscos que corria das dívidas aos traficantes e pelos constantes roubos no bairro que morava. Tentando dá alguma explicação pelo uso de drogas, afirma que o uso da droga pode ser justificado por algum tipo de decepção, tristeza, sofrimento como também por algum motivo de alegria.

Diferentemente do discurso midiático, que os usuários de crack ficam totalmente fora de si, tivemos a plena convicção por todo o período de doze meses de encontros para entrevistas, e boa parte desse tempo, ele estando sobre o efeito de álcool e do crack, sempre esteve bem consciente de seus relatos, de forma compreensível e lógica nas informações, sempre fazendo enorme esforço em se lembrar de detalhes e procurando muito bem encontrar as palavras corretas na busca de se expressar de forma clara e da melhor maneira possível. Fizemos as mesmas perguntas muitas vezes, como forma de confirmar suas respostas e ainda nos questionando porque estava perguntando isso novamente se ela já havia respondido essa mesma coisa outras vezes.

Usando os relatos de Bim Guerra com análises e percepções sobre os principais períodos de sua vida, temos vários autores estudos na literatura científica que possam servir de reflexões aos temas abordados como: sensações, família, contexto social e práticas educativas e culturais que envolveram seu uso e percurso de drogas até chegar no crack.

2.5 Crack e sujeito – relação de exclusividade que não permite mediações

(...) “Na sociedade líquido-moderna, fundamentada na existência de consumidores é preciso haver transformação dos desejos humanos de estabilidade e saciedade. Neste caso a felicidade desvincula-se da ideia de satisfação das necessidades e passa a ser associada a um volume e intensidade de desejos sempre crescentes, o que implica no uso imediato e na rápida substituição dos objetos destinados a

satisfazê-la. Novas necessidades exigem novas mercadorias, que por sua vez exigem novas necessidades e desejos, num movimento semelhante ao *oroborus* mítico onde a serpente engole a própria cauda. Uma metáfora da renovação do ser que se consome e alimenta ao mesmo tempo (Bauman, *op.cit apud* Pedrosa, 2008:488).

Na elaboração de uma pesquisa biográfica de cunho etnográfico, Gussi (2002) trata da abordagem biográfica em três aspectos: como informação do contexto social, como evocação do sujeito e interpretação do autor. Quando, porém, quando faz uso desse tipo de abordagem e se faz uso desses aspectos, vêm à tona algumas oposições entre indivíduo e sociedade, sujeito e estrutura social, subjetividade e objetividade. O autor exprime é que se levem em consideração esses três aspectos da abordagem biográfica a as oposições atreladas a eles, tendo como pontos de referência analítico a noção de experiência e duas implicações epistemológicas advindas da problematização dessa noção. A primeira acentua que a experiência constitui aprendizagem dos sujeitos, e a segunda é relativa às relações entre experiência, aprendizagem e a intersubjetividade, fruto do envolvimento entre os sujeitos e o pesquisador.

O autor ensina, ainda, que, na dimensão biográfica, a experiência intersubjetiva abre possibilidades entre saberes distintos, como as experiências de vida dos sujeitos, e do saber permeado do conhecimento científico com a experiência autobiográfica do pesquisador, possibilitando-nos – sujeito e pesquisador, descobrir nossa participação em processos de aprendizagem por meio da própria vida e de realidades distintas.

Também enfocando o sujeito na relação de uso e dependência de drogas, apontamos a perspectiva de Torossian (1998), que inicialmente é dado à especificação da doença nos pressupostos somente da “dependência química”, onde é levada em conta apenas a química. A autora levanta e responde ao seguinte questionamento:

Onde encontramos o sujeito nesta denominação?

Seguindo por essa via de raciocínio, podemos afirmar que a dependência química é incurável quando se desconsidera o sujeito em questão, colocando a ênfase da cura na droga. Assim temos a equação: com droga=doença, sem droga=cura.

Uma das contribuições da psicanálise reside no ponto, a psicanálise não trata a dependência química, mas de um sujeito que sofre de drogadição ou

de toxomania, entendendo que este se subjetiva numa sociedade que tem no consumo um dos seus máximos valores (pag. 10).

A vida em sociedade atual é comandada pelas condições de produção da atualidade, atrelada a uma grande acumulação de mercadorias. Podemos até dizer de espetáculos em torno dessas. A ordem de consumo e a supervalorização do excesso ditam a medida que regula o uso e aquisição de bens. A lei do consumo impulsivo e descontrolado e as trocas humanas enfraquecidas no seu potencial afetivo, estão presas ao processo de **coisificação**, em que os objetos parecem tornar-se mediadores das relações, fazendo do consumismo o propósito existencial nos tempos da atualidade (ANDREA, *apud*, DEBORT, 2003).

Andrea (2010), acentua que Lecher (1998) “faz um bem humorado trocadilho quando se refere ao alicerce no qual se assenta a existência moderna”, quando diz:

[...] consumo; “logo existo”. o mercado prontamente correspondente afertando os mais variados objetos e ilimitadas promessas de satisfação. Ideias de felicidade são “corporificados” em mercadorias-produto que podem ser compradas, à vista ou à prestação, sem que se tenha de esperar, deixar de aproveitar o momento ou curtir a vida no “aqui e agora”; de forma a que, querer é poder – ter (ANDRE, *apud*, LECHER. p.26).

A autora faz uso da citação que inicia este tópico, para interligar as forças econômicas, sociais entre mercadoria, consumo e as questões subjetivas que permeiam os usuários de drogas psicoativas, na seguinte mensão:

Não há como não pensar na droga como um produto que se encaixa perfeitamente na lógica voraz. A imagem do ser que devora e consome a si próprio (emblema da “desvitalização” e perda da potência subjetivo) ao utilizar imediata e intensamente o objeto-droga, guarda correspondência com o consumidor que tem suas necessidades e desejos capturados e alimentados às leis de mercado e seus incontáveis produtos. Mercado e produtos tendem a ditar um trajeto circular (em que se contorna a própria cauda) que, de forma estéril e repetitiva, culmina sempre no mesmo ponto: mais insatisfação e mais consumo. Os objetos, cada vez menos “saciáveis” (ainda que, pelo próprio movimento do desejo, não possam viabilizar a satisfação plena) em função de seu progressivo esvaziamento, mais parecem cutucar o buraco da existência, no entanto, passível de ser “remediada”. As dores, angustias e sofrimentos da condição humana e da própria vida, são alojados na condição de um mal a ser expulso por um lógica de vida sem dor, da busca do bem-estar das questões subjetivas e em busca de uma liberdade enganosa.

O sujeito biografado, Bim Guerra, ao falar de sua experiência quando usou o crack pela primeira vez, ressalta várias vezes sobre as sensações que o crack proporcionou para ele “sensação boa, “sensação de bem estar”, “sensação de

estar disposto”, “sensação de mais”. Fiore (2008) discute em alguns de seus trabalhos duas controvérsias de suma importância ao entendimento do consumo das “drogas”: as noções de prazer e risco, como sentidos ilusórios e artificiais para seus consumidores:

Embora a ideia de degradação e sofrimento seja mais comumente associada às “drogas”, a relação entre seu consumo e sensações prazerosas é praticamente consensual no campo dos saberes médicos. (Ou seja, não há debate ou controvérsia quanto a um efeito entendido pelos consumidores de “drogas” como prazeroso p.144).

No discurso médico, temos a afirmação de três concepções que motivam o uso de “drogas”. O primeiro é referente a uma curiosidade específica da adolescência. A literatura médica que trabalha com essa fase afirma que esse tipo de motivação proporciona à adolescência o momento de maior risco quanto ao uso de “drogas”. A curiosidade do adolescente o estimula a provar novas sensações, embora seja considerada pelos médicos uma possibilidade o que é considerado normal por estes médicos. O segundo, mais amplo, se afirma na procura da fuga ou compensação para uma vida com dificuldades, tensa, angustiada e muitas vezes problemática.

Já os trabalhos direcionados para público maior dividem a ideia de que o uso de “drogas”, e não necessariamente o abuso ou a dependência, esteja mais ligado às questões tidas como graves da vida subjetiva moderna, cheias de situações de limite, a fuga ou compensação, perturbações mentais, reconhecidas pela Psiquiatria como tipos de doenças que necessitam de tratamento específico. Caso contrário, podem ser encaminhadas à dependência de natureza química grave. A falta de uma estrutura familiar também é expressa pelos médicos como fator importante, principalmente na família, que não apresenta exemplos e regras claras de convivência e social. Enfim, os fatores mostrados desenvolvem maior complexidade, a busca pelo prazer (FIORE. 2002).

Fiore (2008) faz essa breve discussão em seu trabalho, das controvérsias quanto à compreensão do consumo das “drogas”: Classifica as noções prazer e risco, como sentidos ilusórios e artificiais para seus consumidores. Esse mesmo autor acentua que o uso de drogas pode proporcionar prazer, porém ele é mediado de negatividades e riscos, com a capacidade de obscurecer um efeito temporal devastador, principalmente o sentido ilusório de prazer que ela pode causar.

Ele diz que “*E as drogas dão uma espécie de curto-circuito, dão ao corpo uma espécie de prazer sem que ele exista. Dão uma ilusão química do prazer*”. E além de ilusório esse prazer também pode proporcionar uma artificialidade, configurando-se num anomalia, podendo, além da dependência, cobrar preços altíssimos dos consumidores, conforme relata o psiquiatra (*apud*, Ronaldo Laranjeira):

O cérebro dela (da pessoa que usa cocaína) às vezes fica incapacitado de sentir prazer. É quase como se fosse uma vingança divina contra uma pessoa que busca um prazer artificial, é como se ela fosse punida pelo próprio cérebro, fica quase incapacitada de experimentar outras fontes de prazer (informação verbal).

Fiore (2007), outro especialista em estudos sobre o consumo de drogas, busca discutir a analogia entre artificialidade e prazer proporcionado pelas drogas, tematizados pelos saberes médicos e a arriscada busca dos seres humanos por sensações que denominam como prazer.

Confirmando a intensidade do prazer que Bim Guerra descreve sobre o uso do crack, Içami Tiba (2003), diz dessa sensação tão rápida e intensa proporcionada mais especificamente pelo crack, como sendo uma atração fatal, pois, de início, na vida do dependente, assume a forma de um tipo de assédio “Elas se aproximam dos adolescentes tais qual uma mulher disposta a conquistar um homem: mexendo com seus desejos e fantasias”, e, quanto maior e mais rápido for o prazer, maior será o estrago, como é o caso da cocaína, merla, heroína e o crack. Qualquer ser humano sente intenso desejo de repetir uma sensação de prazer e, no caso do dependente, ele já não suporta mais ficar sem senti-lo. Quanto mais intenso e efêmero for seu efeito, mais vezes o usuário terá necessidade de usar para manter seu prazer, embora esse prazer comprometa suas mais importantes relações e princípios éticos.

2.6 Práticas culturais que envolvem usuários de crack

Quando se fazem perguntas sobre a questão das drogas, o primeiro aspecto que vem à tona é o farmacológico, relacionado aos riscos e danos ligados ao seu uso, abuso e dependência; outro aspecto é o da justiça associada ao tráfico,

violências e crimes, frequentemente relacionados a estas práticas. Desta forma, enviar questionamentos, reflexões e críticas nas leituras sobre cultura, como práticas para a liberdade, como proposta no problematizar os paradigmas civilizatórios de nossa cultura, dos processos educativos dissociados da vida e descolados de uma concepção crítica da sociedade atual e nos constructos de verdades e mito que envolve os usuários de drogas, é o propósito filosófico/basilar deste trabalho.

Cada cultura constitui uma forma específica de ler o mundo, de tal modo que temos Pais (2003) a estabelecer o conceito de culturas juvenis, em sentido lato. O autor propõe inclusive que as várias formas de olhar essas juventudes podem se agrupar em teorias dentro de duas principais correntes: a geracional e a classista, proporcionando ao pesquisador a conveniência de acordo com o curso da investigação, podendo aflorar alguma delas. A *corrente geracional* possui como proposta inicial a noção de juventude, entendida no sentido de *fase de vida*, enfatizando, conseqüentemente, o aspecto unitário da juventude. Para esta, em qualquer sociedade, temos várias culturas que consistem em dominantes e dominados, desenvolvidos no quadro de um sistema dominante de valores.

Enfim, para a *corrente geracional*, os pontos de continuidade e descontinuidade intergeracional poderão se mostrar de duas formas: primeiramente, de um lado, nos processos de socialização por via de instituições sociais específicas, como no caso, a família ou a escola, onde as gerações mais jovens interiorizam e reproduzem no seu quotidiano toda uma série de crenças, normas, valores e símbolos característicos das gerações adultas.

Já para a *corrente classista*, o sistema de reprodução social é fundamentalmente mostrado em termos de reprodução das *classes sociais*. Para esse, o sistema educativo e a condição social em que os jovens se estabelecem, tornando-se filhos de operários como operários. Para essa corrente, as culturas juvenis são sempre culturas de extrato, isto é, compreendidas como produto de relações antagônicas de classe.

Michel de Certeau interpreta as práticas culturais contemporâneas, os modos de vida cotidiana, o que ele descreve como as produções do dia a dia em “Artes de Fazer”. Considerando a legitimidade dos saberes e valores de práticas subterrâneas, como prática cultural dos não produtores de cultura, de forma que vão

modificando os objetos e os códigos, abrindo caminhos nas imposições das políticas culturais relativos às situações estabelecidas pela sociedade e suas relações de força e poder, no mundo dos dependentes de crack não é diferente.

De Certeau (1994), diz que toda atividade humana pode ser considerada como cultura, embora possa não ser reconhecida como tal, pois, para a existência de cultura, não basta ser autor das práticas sociais, sendo necessário que essas práticas tenham um sentido para aquele que as realiza. O autor considera, também, a legitimidade dos saberes e valores de práticas subterrâneas, como prática cultural dos não produtores de cultura, de forma que vão modificando os objetos e os códigos.

Portanto, não podemos falar em educação, sem retratar a questão cultural. Saviani nos diz que a cultura é a transformação que o homem opera sobre um meio e também engloba os resultados dessa transformação. Faz-se necessária para o processo educativo a promoção do indivíduo. Isso significa tornar esse ser humano cada vez mais capaz de promover o conhecimento de sua situação, para poder gerar a intervenção e, conseqüentemente, transformá-la num sentido de maior liberdade e da comunicação de todas pessoas.

As drogas sempre estiveram associadas à cultura. Seu uso não ocorre de maneira involuntária, tampouco isolada. Percebe-se isso por meio das características arraigadas historicamente no seio da sociedade e disseminadas por meio de grupos e classes culturais e sociais onde a pessoa está inserida. Algumas destas características estão ligadas ao consumismo e ao hedonismo. Ainda podemos citar também suas práticas, estando estas estritamente ligadas aos modos, e estilos de uso destas substâncias também na atualidade. Tomemos como exemplo o consumismo: quando falamos em consumismo, de certa forma estamos nos referindo às facilidades e incentivos que a sociedade a cada dia tem para adquirir aquilo que é passado pela mídia e o que, de certa forma, virou moda.

A disseminação do “Coma!”, “Beba!”, “Use!”, “Abuse!”, “Veja!”, “Compre!” leva a exposição da criança e do adolescente a conhecimentos, acontecimentos e informações que há tempos eram direcionadas apenas a adultos.

3. DROGAS – UMA VISÃO PANORÂMICA NA ESTEIRA DO TEMPO

O uso de substâncias que alteram o estado de consciência é um fenômeno que acompanha o homem desde a Antiguidade, para finalidades de natureza curativa, religiosa e lúdica, transformando-se, dentro do tempo e da cultura, as várias formas de seu uso. Esse tema queira-se ou não, suscita uma discussão sobre o que realmente entendemos por droga e mais especificamente essa tão avassaladora droga chamada crack, no que diz respeito a *mitos* e *verdades* sobre ela.

Somos ensinados, seja na família ou na escola, que as drogas matam que, por sua causa, se criam marginais, que seu uso é proibido. Somos alertados sobre as consequências negativas desse uso, de que sua comercialização é crime, e esses termos estão sempre ligados a maconha, lança-perfume, a cocaína, a heroína e crack. A Organização Mundial de Saúde (OMS) define as drogas como substâncias “que afetam a mente e os processos mentais”, ou seja, droga é tudo o que mexe com o cérebro, incluindo aí o tabaco e o álcool.

Mostrada a conjunção de problemas que envolvem os questionamentos citados, é fundamental que, inicialmente, seja expressa uma concepção sobre as drogas que ajude o leitor a pensar um pouco mais sobre o assunto, partindo de variados focos. Com essa finalidade, exprimimos as principais considerações sobre drogas, com apoio no que realizou o jornalista Tarso Araújo, que como ele mesmo diz é um viciado, quando debatia sobre drogas. Embora o autor tenha realizado um estudo sobre os impactos econômicos que as drogas produzem, seus efeitos na saúde e na política, partiremos inicialmente de suas respostas às questões relativas às definições e classificações das drogas, segundo sua forma, efeitos e tipos. Em seguida temos como foco para este estudo suas explicações históricas sobre as drogas na sociedade, usando inclusive suas riquíssimas ilustrações e fotos para detalhes. Na busca de resposta a nossa pergunta inicial “o que você entende por droga?” ele explica:

A definição mais ampla, fornecida por farmacologistas, considera droga “qualquer substância capaz de alterar o funcionamento normal de qualquer organismo”. É a interpretação mais semelhante à dos gregos antigos, que usavam a palavra *phármakon* tanto para remédio como para veneno. Eles entendiam que nenhuma substância é boa ou má em si. O uso que se faz dela é que ditará suas consequências. Essa interpretação considera que a

maconha e cocaína são drogas, da mesma forma que a Aspirina e até o chá de camomila que você bebe para dormir melhor. (ARAÚJO, 2012. pg. 14).

Já algumas pessoas, que não nomeiam como drogas os remédios, consideram que droga “qualquer substância que proporciona a sensação de barato”. Tecnicamente, essa definição equivale a um grupo à parte de drogas que são chamadas de substâncias psicotrópicas ou psicoativas. Esse é o significado assumido no contexto internacional de controle de drogas. O álcool, o tabaco e a cafeína não são mencionados nesse meio, por serem drogas lícitas. É importante, porém, conhecermos melhor alguns termos, classificações e seus possíveis significados. Araújo (2012) considera “droga” sinônimo de substância psicoativa capaz de alterar o comportamento e/ou percepção independente de sua condição legal. Quanto à classificação, o autor trata segundo sua forma, em drogas naturais, sintéticas e semissintéticas. Quanto os seus efeitos, em estimulantes, depressoras e perturbadoras.

No período da Antiguidade, todas as drogas eram consideradas naturais, como no caso do cogumelo alucinógeno *Amanita muscaria* (ver foto abaixo) e das flores e folhas do topo da planta fêmea de *Cannabis sativa* (ver foto abaixo).

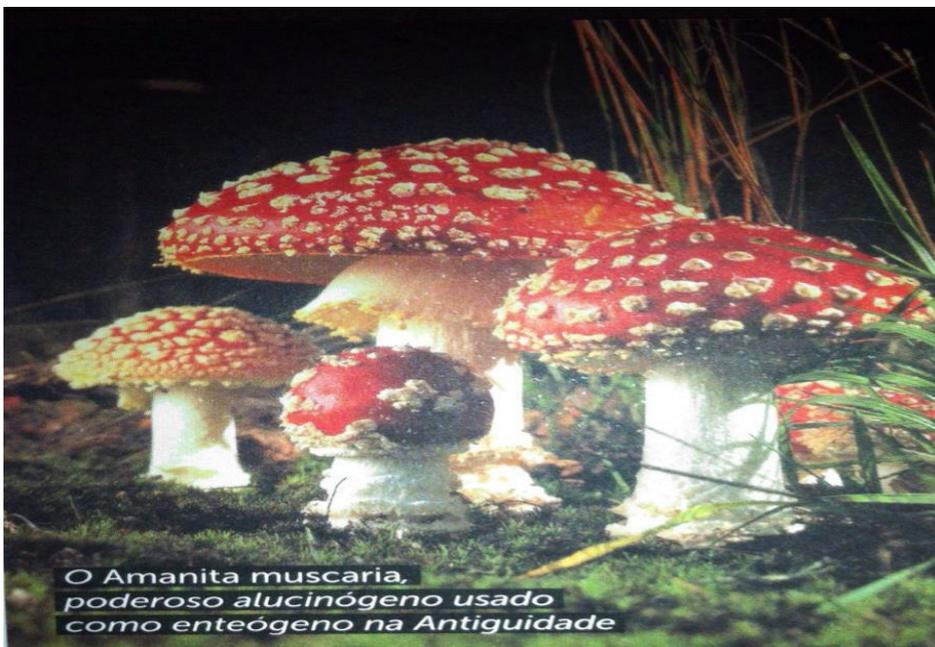
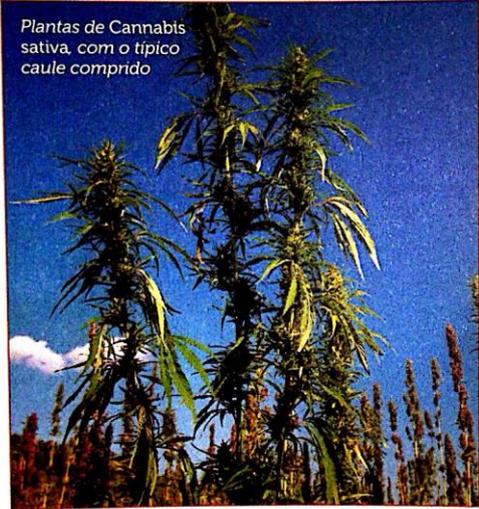


FOTO 2- *Amanita muscaria* (ARAÚJO, 2012, p. 27)

TIPOS DE PLANTAS
 Existem mais de 700 tipos de plantas de *Cannabis sativa* descritos, a maioria desenvolvida pelo homem ao longo de séculos de cruzamento e seleção de variedades selvagens. Essas são as principais

Plantas de Cannabis sativa, com o típico caule comprido



SATIVA
 Alta, com caule pouco ramificado e folhas finas, pode chegar a 5 metros de altura. Por causa do tamanho, é a preferida para a fabricação de fibras, mas também é tradicionalmente cultivada como droga.
Altura: de 1,5 a 5 metros

INDICA
 Mais baixa e cônica do que a *sativa*, tem folhas mais largas e é cultivada há milênios para obter THC. É muito usada para criar variedades pequenas, mais adequadas ao cultivo *indoor*, e para produzir haxixe.
Altura: até 1,2 metro

RUDERALIS
 Baixa e extremamente resistente, espalhou-se em regiões mais centrais da Ásia, especialmente na Rússia. É a variedade com menos concentração de THC, mas costuma ser usada para criar variedades pequenas e mais fortes.
Altura: de 30 a 60 centímetros

E o cânhamo?
 Esse é o nome que se dá para as *Cannabis* usadas por milhares de anos como fontes de fibra para fabricação de cordas, roupas e tecidos (veja página 317).

Macho ou fêmea
 As fêmeas é que produzem flores com THC. Se não são polinizadas, não geram sementes e usam sua energia para produzir ainda mais princípio ativo.

FOTO 3 *Cannabis sativa* (ARAÚJO, 2012, p. 312)

Ainda na Antiguidade, especialistas no assunto afirmam ter sido o período em que o uso de plantas ou fungos com substâncias psicoativas proporcionou experiências místicas, o desenvolvimento da espiritualidade e os primeiros rituais religiosos.

No século XIX, com o desenvolvimento da Química moderna, foi possível extrair e purificar as moléculas dos produtos naturais responsáveis por seus efeitos psicoativos, como nos casos de morfina, ópio e cocaína. As drogas sintéticas, embora feitas totalmente em laboratório, possuem efeitos semelhantes às substâncias produzidas em nosso corpo. Temos como exemplo desse efeito de semelhança, a da molécula de anfetamina, semelhante ao efeito da dopamina, que funciona como um importante mensageiro para os neurônios, tendo como diferença apenas dois átomos de oxigênio a menos em sua estrutura molecular. As drogas sintéticas, além de imitarem as naturais, também possibilitam meios de fabricação mais barato. Araújo (2012), sobre as drogas sintéticas, diz o seguinte:

Essa classificação leva em conta o método de fabricação, ela pode variar se a substância tiver mais de uma maneira de ser preparada, a cocaína, por exemplo, pode ser feita sinteticamente – apesar de o processo ser caríssimo. O álcool (etanol) também pode ser em laboratório. Só que, além de ser mais barato, o processo de fermentação de açúcares por leveduras

rende subprodutos que fazem toda a diferença entre uma cerveja e um saquê, por exemplo. (Pag. 16).

Existem ainda as chamadas drogas semissintéticas, tidas como a terceira classificação, intermediária, para as drogas produzidas em laboratório com base na modificação de uma molécula obtida naturalmente, como é o caso do LSD, sintetizada pela primeira vez em 1983 por Albert Hoffman, que, na verdade, adicionou “coisas diferentes” ao princípio psicoativo do *cogumelo ergot*, conhecido por seu fortíssimo efeito alucinógeno. Também, é o caso da heroína, produzida pela modificação de uma molécula natural da morfina (ARAÚJO, 2012).

No que diz respeito aos efeitos, as drogas podem ser classificadas em relação a sua ação na percepção e no comportamento ocasionado sobre o sistema nervoso central – SNC em: estimulantes¹, depressoras² e perturbadoras³ (ARAÚJO, 2012). Lembramos que, dentre os vários efeitos que cada droga provoca, podem acontecer diferenças relativas a essa forma de classificação, tornando-as, no decorrer histórico, reações diferenciadas, dependendo do uso que se faz dela, variando esse uso entre recreativo, medicinal e religioso.

No decorrer de seus estudos, o autor nos traz algumas de suas explicações históricas sobre as drogas na sociedade, com um acervo riquíssimo de 57 ilustrações e 192 fotos para maiores detalhes sobre o assunto. Já ante ao percurso histórico, exprime o uso das drogas na Antiguidade à Idade Média; O renascimento e a globalização de psicoativos; a era moderna e suas novas drogas e o século XX. Na esteira do percurso histórico, por mais que o livro faça uma leitura mais ampla e profunda de vários assuntos sobre as drogas, abordaremos apenas os períodos históricos que estejam entrelaçados ao problema e os objetivos propostos pela pesquisa, por meio das concepções históricas e culturais de uso das drogas.

¹ As estimulantes são as que aceleram o seu funcionamento. Os efeitos mais comuns são a diminuição do sono e do apetite e o aumento do estado de alerta, da pressão sanguínea e da ansiedade. Algumas chegam a aumentar a temperatura corporal ou têm efeitos específicos, como deixar as pessoas mais falantes – caso da cocaína. Anfetaminas, nicotina e cafeína são outros exemplos de drogas desse tipo.

² As depressoras, como o nome sugere, reduzem a atividade cerebral e deixam, em geral, as pessoas sonolentas. Algumas dessas substâncias também têm efeito analgésico, porque diminuem mais intensamente o trabalho de neurônios envolvidos com o processamento da dor. Álcool, benzodiazepínicos, barbitúricos, substâncias inalantes e todas as drogas opioides são depressoras. Um detalhe importante: depressor não é a mesma coisa que depressivo, isto é, aquilo que causa depressão.

³ As drogas perturbadoras são aquelas que, mais do que aumentar ou diminuir a atividade do sistema nervoso central, mudam a maneira de ele trabalhar. Ou seja, seu efeito é menos quantitativo e mais qualitativo. Ao mudar a maneira como nosso cérebro trabalha, elas causam delírios, ilusões ou alucinações. Maconha, LSD e diversas plantas alucinógenas são incluídas nessa categoria.

3.1 Drogas – Da Antiguidade à Idade Moderna

No período da Pré-história, embora não seja possível comprovar por meio de confirmações sólidas, arqueólogos, antropólogos e vários outros estudiosos do assunto concordam com as sugestões feitas por pinturas em cavernas na Idade da Pedra que, ainda no Paleolítico Superior, entre 40 e 10 mil anos atrás, há confirmações do homem já fazendo uso de plantas alucinógenas para embriagar-se, apesar dessas plantas, fungos e outras substâncias orgânicas não terem sobrevivido ao tempo. Já nos sítios arqueológicos de 800 a.C. contamos com evidências mais fortes de que os homens faziam uso de substâncias psicoativas encontradas nas plantas estimulantes, em rituais funerários e visionárias em cultos religiosos; consumiam bebidas com ópio e plantavam papoula para sua produção, como também desenhavam em vasos plantas alucinógenas. Usavam as partes de *Cannabis sativa* de muitas maneiras, como alimento, remédio e psicoativo, fabricavam papel, faziam cordas e tecidos. Era uma espécie usada nas mais variadas formas (ARAÚJO, 2012, ver foto).



FOTO 4 *Cannabis sativa* de muitas maneiras (ARAÚJO, 2012, p.48)

Todas essas demonstrações confirmam que ainda nas primeiras civilizações, as drogas já eram usadas para alterar o comportamento e sentidos normais do ser humano (ARAÚJO, 2012).

Esses fenômenos, ligados à espiritualidade do sujeito, só foi possível mudar, no instante em que os especialistas deixaram de se preocupar com o início de uso das drogas e passaram a investigar o porquê de seus efeitos. Desta forma, a força medicinal, a ação visionária e as sensações de prazer que elas provocavam, foram fatos suficientes para serem considerado, por esses povos, como plantas sagradas.

Não por acaso, muitas dessas sociedades primitivas estavam organizadas em torno da figura dos xamãs. Esses curandeiros eram pessoas que dominavam o conhecimento sobre a droga e os rituais necessários para prepará-las para consumo, fosse para curar doentes, para falar com deus ou para prever o futuro. A maioria das religiões xamânicas, que predominavam antes da Era Cristã, tinha cultos que envolviam o uso de substâncias psicoativas. Nos livros sagrados mais antigos que existem, o *Rig Veda* (base do hinduísmo) e o *Avesta* (do zoroatrismo), uma mesma palavra significa deus, planta alucinógena e a bebida que se faz dela. No *Rig Veda*, a droga/deus era chamada de soma; no *Avesta*, de haoma. Nas duas religiões, a bebida era consumida como parte fundamental do culto. “Bebi soma, sou imortal, alcancei Deus”, diz o nono livro dos Vedas. As semelhanças se explicam pela origem comum dos povos indianos e iranianos que se separaram perto de 4000 a.C.. Com o tempo, porém, o êxtase causado pela droga perdeu importância no ritual, que passou a usar plantas sem efeito psicoativo. Algumas teorias especulam sobre qual seria a planta original, e a mais aceita, diz que se tratava do *Amanita Muscaria*, aquele famoso cogumelo de “chapéu” vermelho e pintinhas brancas (foto p.27). (ARAÚJO, 2012, pag. 27).

Entre os povos do norte asiático, temos como exemplo as tribos koryak, que ainda hoje usam o cogumelo *Amanita Muscaria*⁴ – com forte poder alucinógeno, chamada de “enteógeno”⁵ usada em rituais religiosos. Os efeitos causados por ele são tidos como uma forma de obter conhecimentos e de desligar a alma do corpo em busca de experiências espirituais. A ciência acentua que a migração dos povos da Sibéria e sua tradição xamânica são os responsáveis pelo uso de drogas entre os índios da América, sendo ainda hoje, usadas em rituais religiosos em tribos isoladas da Amazônia. Somente com o surgimento das religiões monoteístas foi que o uso de substâncias psicoativas foi desaparecendo em algumas regiões, permanecendo com

⁴ Na década de 70, antropólogos e botânicos cunharam a expressão enteógenos para se referir às plantas e às substâncias psicoativas visionárias usadas com finalidades religiosas e espirituais. A palavra deriva da combinação de dois radicais gregos (entheos e genesthai) e quer dizer algo como “trazer deus para dentro de si” (Araújo, 2012, p. 27).

⁵ Originalmente, os enteógenos eram as plantas e os produtos naturais, como cogumelos, a datura, o peote, o mescal, a iboga, a maconha, o ayahuasca etc. Mas substâncias sintéticas com propriedades parecidas também são incluídas entre os enteógenos quando usadas em contextos religiosos (Araújo, 2012, p.27).

essa herança apenas o *budismo* e o *hinduímo*, dentre as grandes religiões contemporâneas na atualidade. (ARAÚJO, 2012).

Entre gregos e romanos, o conhecimento adquirido sobre as drogas tornou-se bem mais profundo. Foram inclusive capazes de distinguir e compreender o fenômeno de tolerância do efeito das drogas psicoativas no organismo, descobrindo que, de acordo com a frequência em que era usada, a droga ia diminuindo seu efeito. Os gregos, ao separar doença e cura dos deuses, propiciaram um grande salto para a Farmacologia e à Medicina Moderna. Para eles, é a forma como se usam as drogas que irá dizer se seus efeitos serão malignos ou benignos. Qualquer que seja a substância usada, ela não é boa ou má em si mesma, mas tudo depende da maneira com que se faz uso dela, tanto na área farmacológica, quanto no contexto social, religioso ou político. A civilização romana assumiu por completo toda a cultura dos gregos sobre as drogas, conhecidos por seu domínio na área do Direito e por serem referência nos sistemas jurídico em vários países até hoje (ARAÚJO, 2012).

O Ópio, de maneira geral, era consumido em grandes quantidades em todo o Império. Sua venda era taxada, e seu preço, fixado pelo governo, para evitar a especulação e a fuga de capitais, já que o ópio de melhor qualidade era importado da Mesopotâmia e do Egito. Em 312, havia 793 lojas da droga em Roma, que representavam ao governo 15% do total de impostos recolhidos na cidade⁶. Apesar de “febre”, não há registros de problemas de saúde causados pelo abuso da substância entre os romanos. Outra droga comum, mas menos popular era a maconha. O médico Cláudio Galeno escreveu que os romanos a ofereciam aos convidados em ocasiões sociais. Também se praticavam no Império, cultos religiosos baseados no uso de drogas psicoativas, como o culto a Dionísio, convertido em Baco, que foi duramente perseguido em Roma ainda no século II a.C. (Pág. 32).

Segundo Araújo (2012), os romanos eram responsáveis pela manutenção e desenvolvimentos dos *Phármakon*⁷ da escola hipocrática. O imperador Marco Aurélio usava diariamente *A Teriaca*,⁸. Seu uso tornou-se bastante conhecido nesse período, como forma de prevenir doenças. O uso de drogas alucinógenas em rituais religiosos só diminuiu com a ascensão do Cristianismo, que, além de abolir, proibiu esse uso. Para eles, “o êxtase religioso não era mais proporcionado por um agente externo, mas pelo exercício da fé, da autossugestão”. (Pág.35). Para as antigas

⁶ Apud. ESCOHOTADO, A, H. Idem, p. 182.

⁷ É a interpretação mais semelhante à dos gregos antigos, que usavam a palavra *phármakon* tanto para remédio como para veneno (pag. 14).

⁸ Remédio grego feito do Ópio (pag. 52).

religiões, o uso de drogas em seus rituais proporcionava experiências místicas, enquanto para os cristãos a própria Eucaristia era o que produzia esse estado de espírito. Além da questão religiosa e interesses políticos de domínio da Europa e expansão do Cristianismo, Roma criou leis e decretos cristãos que iniciaram uma severa perseguição a todo tipo de xamã, líderes de outras religiões e às bruxas, seres tão temidos e amaldiçoados no período da Inquisição. Documentos e escritores desse período mostram em registros de receitas dessas bruxas. Nas poções “Um dos principais componentes dos seus unguentos eram plantas da família das solanáceas, que causavam visões” muitas vezes misturas com veneno acônito, que fazia cair a pressão arterial e mudava o ritmo cardíaco. A mistura dessas duas drogas provoca alucinações e a sensação de estar voando. Desse modo, explicam suas experiências de “voo”, tidas como tão real quanto às visões psicodélicas liberadas por drogas como o LSD. Diferentemente das perseguições que as bruxas sofriam, o alquimista era outro tipo de profissional que usava plantas medicinais, porém, eram resguardados da Inquisição por usarem as plantas da mesma forma que os primeiros médicos e por terem ligações com reis e a Universidade. Embora não tenham conseguido atingir seus objetivos principais, de “fabricar ouro” ou o elixir da vida eterna, eles deram grande contribuição para a Medicina e a Farmácia moderna, ao conservar o uso do ópio e de outras drogas psicoativas, por via de suas pesquisas iniciadas nos boticários medievais, dando impulso e popularidade ao seu uso no período das grandes navegações e, mais tarde, com a chegada dos europeus à América, como veremos posteriormente no Renascimento.

3.2 Coca, cocaína e crack

Na Europa em meados do século XVI, médicos e boticários renascentistas, estudavam novas e velhas plantas à busca de cura para as doenças da humanidade. Na Ciência, houve a divulgação de livros, enciclopédias e métodos empíricos de pesquisas, que, juntamente com o movimento iluminista deram importante contribuição para historiadores e a chamada Revolução Científica. Com a descoberta, pelos cientistas, de métodos para isolar princípios ativos dos vegetais, descobriu-se nesse período que eram os alcaloides a “essência” de várias drogas antigas, sendo então, despertado novamente o interesse pela coca, planta

específica do “Novo Mundo”. Então, os colonizadores espanhóis criaram logo uma nova forma de ganhar dinheiro cobrando impostos no comércio interno de circulação da planta, ao perceberem que os índios, para suportar o trabalho esgotante nas minas de prata do Peru, consumiam as folhas de coca. Embora tivessem aversão e achassem repugnante sua forma de uso, considerando um hábito selvagem, suspeitavam do efeito estimulante da planta. (HURTADO, 1995).

Com a chegada de Colombo pela primeira vez a uma ilha da América e o descobrimento do “Novo Mundo”, todas as narrativas descritas inicialmente por espanhóis, portugueses, e posteriormente por franceses e ingleses, tinham como principais características a curiosidade e o espanto, referente aos hábitos dos nativos – índios, em relação ao tabaco e a planta em pó que fumavam. Eles cheiravam ou usavam tanto para fazer bebidas e unguentos, com essas plantas, como também por prazer, como remédios, para festejar e comunicar-se com seus deuses e diminuir a fome. O período das grandes navegações além do descobrimento do tabaco, também ocasionou pela primeira vez na história, a circulação das drogas em todos os continentes do mundo, sendo a América “Novo Mundo”, responsável pelo fornecimento de tabaco, da coca, da erva-mate, do guaraná e uma grande variedade de substâncias alucinógenas e visionárias, através de espanhóis e portugueses, como também, por todo esse intercâmbio mundial. Tudo isso, seguia tanto para a Europa, quanto para a África e o Oriente. Como retorno, o Novo Mundo teria o fornecimento de café, chá, maconha e o ópio, drogas já conhecidas há muito tempo no restante do mundo. (HURTADO, 1995).

O arbusto de coca (*Erythroxylon coca*) é uma planta originária da Cordilheira dos Andes que contém o tão conhecido alcalóide de cocaína. A folha da coca é uma planta de importância histórica que vem sendo usada há milhares de anos na América, sendo nas culturas pré-colombianas dos Andes as maiores evidências do seu uso, geralmente mastigada, junto com um produto de natureza alcalina, como cal, cinzas, ou uma matéria produzida a partir de certos moluscos. A combinação destes produtos, ajuda na liberação da cocaína presente nas folhas e é de suma importância para a produção de seus efeitos psicoativos. Seu uso atualmente de forma tradicional, é bastante intensa na Bolívia, Peru, norte da Argentina e parte da Colômbia, especificamente entre os índios Aymara e Quechua que trabalham na agricultura, mineração ou residem nas cidades, como

mastigadores habituais das folhas de coca. Seu uso transformou-se ao longo do tempo em um poderoso símbolo do grupo de identidade e solidariedade desse povo, servindo para separar abertamente os que estão do lado dos nativos daqueles que estão contra eles. A folha da coca é considerada a espinha dorsal da estrutura cultural da região Andina. Seu uso é tido como um forte símbolo de identidade e solidariedade, distinguindo as relações sociais, no trabalho e práticas mágicas dos habitantes dos Andes. Não sendo somente um produto, mas também uma herança cultural desses povos Hurtado (1995) explica ainda como acontece todo o processo de mastigação das folhas de coca, seus efeitos e indicações.

Coca era e, continua a ser mastigada pelos aimarás e quíchuas da Bolívia, Peru e outros países andinos. As folhas não são mastigadas, mas sugadas. O prazo de mascar não é uma apropriação, mas como é comumente usado, vamos usar este termo ao longo do livro. Esta é uma técnica desenvolvida ao longo dos séculos. Ele consiste em tomar um bocado de folhas de coca sem engoli-los. Estes são previamente descascados das veias para evitar uma ação traumática por estas partes difíceis da folha sobre a mucosa da boca, Mastigar é feito suavemente, tentando não mastigá-los totalmente, apenas o suficiente para romper as membranas celulares em seguida, deixá-los dissolver lentamente na saliva. O bolo assim formado (aproximadamente 8-10g) é deixado em repouso para as gengivas e o revestimento da boca, logo abaixo da saída da conduta excreção da glândula parótida. Quando as meias folhas trituradas são suficientemente umedecidas (10-15 minutos), o mastigador adiciona o Ilijta ou qualquer outro agente alcalino (tal como o bicarbonato de sódio). O Ilijta é uma preparação feita de vários tipos de cinzas vegetais, tais como quinoa e banana. A sua finalidade consiste em proporcionar um meio alcalino para maximizar a ação dos alcaloides da folha. Alguns minutos mais tarde, existe um efeito anestésico na mucosa próxima ao bolus e também nas bochechas, língua e garganta. É certo que a ingestão do suco exerce um efeito anestésico sobre o trato intestinal inferior e, ao nível sistêmico. Isso explicaria o costume em países andinos para mastigar folhas de coca ou tomar infusão de coca para aliviar a dor em uma ampla faixa. Isso explicaria o costume em países andinos para mastigar folhas de coca ou tomar infusão de coca para aliviar a dor em uma ampla faixa: dores de cabeça, dores de dente, cólica intestinais, etc. Seu uso é frequente como um curativo aplicado topicamente sobre as áreas dolorosas, por exemplo, a zona de um osso fraturado ou artrite. (pág.37).

Nas relações sociais sua interação acontece por meio da reciprocidade ou do intercambio, como nas petições de matrimônio, solenidades de apresentações de líderes, nomeação de dançarinos nativos, onde é oferecido um punhado de coca de presente no momento do pedido ou negociação, e sua aceitação ou rejeição mostra a sucesso ou fracasso da mesma. *No trabalho*, o proprietário da fazenda ao iniciar seu negócio realiza juntamente com parentes, amigos, membros da comunidade e funcionários um ritual de compromisso futuro e homenagem aos antepassados com

a Mãe Terra, usando bebidas, cigarros e enterrando algumas folhas de coca. Nos Andes, a diária de trabalho possui três ou quatro turnos, onde a coca é mastigada depois das refeições. A colheita se dá na Bolívia. Nas práticas mágicas, é usada em dois sentidos: no mágico como proteção contra feitiçarias, maldições, para prever o futuro, descobrir doenças e trazer boa sorte no futuro. No sentido religioso, é usada para dar graças pelas bênçãos, boa colheita, saúde e prosperidade, como oferenda aos deuses e todos os rituais tradicionais. Na área Andina, todos os tipos de rituais tradicionais são realizados em torno da coca, ela não é um produto, mas uma herança, uma cultura permanente. (HURTADO, 1995, p.38)

Então ante as enormes possibilidades e usos da substância por médicos, farmacêuticos e fabricantes, as folhas da coca se tornaram um alto e valioso produto no mercado internacional. Os laboratórios posicionaram-se com determinante destaque no início da indústria farmacêutica. Tão rápido, porém quanto sua ascensão foi a descoberta de que a cocaína igualmente ao álcool e aos opiáceos no século XIX, desenvolvia em seus usuários um consumo compulsivo, ou seja, o nocivo “hábito”. Então, surgiram as primeiras leis de controle de distribuição, produção e uso de drogas. Peru e Bolívia tiveram grande força, poder e depois declínio nesse período como produtores tradicionais do tão procurado arbusto. Somente os viajantes provavam da substância contida nas folhas e podiam confirmar seus efeitos estimulantes, pois, as folhas quando eram trazidas para a Europa, apodreciam em decorrência da longa viagem transatlântica e sua “essência” desaparecia por completo. Então em 1858 o farmacologista alemão Friedrich Wöhler conseguiu receber 15 quilos de folhas curadas, considerado o maior carregamento da planta para a Europa. Em 1860, Albert Niemann, através do método de separação de alcaloides, isolou pela primeira vez a cocaína, confirmando seu poder estimulante, fazendo pela primeira vez a planta entrar na história e virar “moda” em todo o mundo, sendo a partir de então, sua fórmula utilizada para uma grande variedade de tônicos, xaropes e vinhos, como o vinho “Vin de Mariani” (ver foto). Depois de enfrentar vários protestos contra as bebidas alcoólicas, o farmacêutico John Pemberton adicionou a coca com um xarope de noz-de-cola e lançou a Coca-Cola, com o seguinte *slogan* “a bebida dos abstêmios – apesar da cocaína permanecer em sua fórmula até 1909”. (ARAÚJO, p. 46).

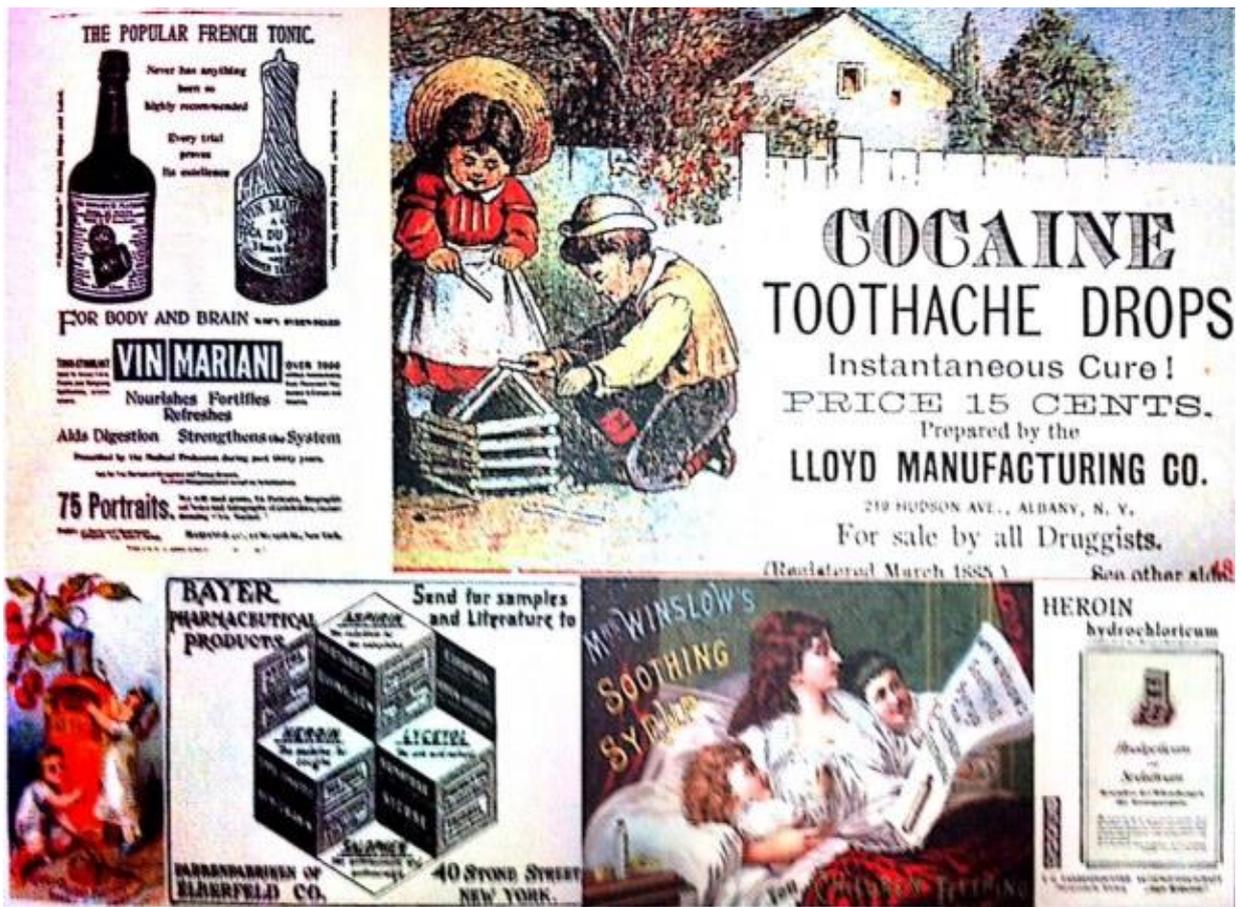


FOTO 5 Variedade de tônicos, xaropes e vinhos, como o vinho “Vin de Mariani”
(ARAÚJO, 2012, p. 47)

Desde então, as folhas de coca assumiram as mais variadas formas de produção e uso.

Entre os alemães, no entanto, o interesse voltou-se para as pesquisas com a cocaína pura. Naquela época, algumas das principais empresas químicas e farmacêuticas eram alemãs, e conseguir o produto puro era mais fácil. Emanuel Merck, pioneiro comercialização da heroína, tornou-se um grande produtor de cocaína. Na vanguarda de ciências novas como a química, a bioquímica e a farmacologia, os alemães lideraram uma intensa busca por propriedades medicinais da cocaína. Um dos maiores interessados foi o jovem Austríaco Sigmund Freud. Entre 1884 e 1887, ele publicou cinco artigos sobre a substância e tornou-se um fiel consumidor da droga, que injetava com seringas hipodérmicas. Em *Über Coca* (1884), ele descreve a variedade de problemas de saúde que eram tratados com coca ou cocaína naquela época: distúrbios alimentares ou de estômago, anemia, sífilis, tifo e asma. Além disso, a droga era um estimulante físico, mental e sexual e substitutivo para o “hábito” em álcool e morfina. A maior contribuição de Freud nesse campo, porém, foi apresentar a substância a um amigo oftalmologista, Karl Köller, que descobriu seu potencial como anestésico local. Essa propriedade seria a única aplicação legítima e duradoura da cocaína. Na época ela ajudou a revolucionar as cirurgias de olhos e

garganta, impossíveis de ser realizadas sem anestesia (ARAÚJO, 2012, p.46).

Neste mesmo período, nos Estados Unidos, sentimentos racistas estimularam campanhas de proibição da cocaína, tida como a droga mais usada por negros e a principal causa de violência deles contra os brancos. Fomentava-se também, o controle e proibição dos opiáceos, e nos períodos entre 1839 e 1842 e entre 1856 e 1860, foi decretada uma das mais sangrentas e desiguais guerras, ficando na história conhecida como as Guerras do ópio. A cocaína iniciou seu declínio em meados de 1920, sendo considerada como a droga das populações marginalizadas, voltando a ser largamente usada a partir da década de 1970. Nas décadas seguintes, a prática do uso do cloridrato de cocaína – pó, por aspiração intranasal se expandiu nas camadas sociais médias americanas e europeias, substituindo as anfetaminas e a maconha. Tinha um elevado preço e aumentava mais ainda, quando havia repressão do governo, delimitando seu uso às camadas de maior poder social. (ARAÚJO, 2012).

No início da década de 80, foi descoberto entre os dependentes uma nova forma de usar a cocaína, onde seus efeitos eram intensificados, produzindo vapor relativamente puro da mesma, embora com menor duração, tida como *freebase* – misturava cloridrato de cocaína numa base líquida (podendo ser amoníaco, bicarbonato de sódio ou hidróxido de sódio) para a retirada do ácido hidrocloreto, fumado em cachimbos de vidro. As áreas decadentes de Nova York, Los Angeles e Miami, descobriram o crack – mais uma forma fumável de uso da cocaína, nome esse dado principalmente ao barulho produzido quando a pedra é queimada para seu uso. Sua produção era parecida à do *freebase*, produzido da seguinte forma. (DOMANICO, 2006):

O cloridrato de cocaína era dissolvido em água, adicionava-se bicarbonato de sódio, aquecia-se a mistura que, ao secar, adquiria a forma de pedras duras e fumáveis. Essas pedras continham não somente alcaloides de cocaína, mas também bicarbonato de sódio e todos os outros ingredientes que haviam sido adicionados anteriormente ao pó. Mas, apesar do crack não ser tão puro quanto o *freebase*, ao ser aceso, libera um vapor que é em grande parte cocaína pura, produzindo um efeito parecido àquele. Porém, ao contrário ao *freebase*, geralmente preparado pelos próprios usuários a partir do pó, o crack era geralmente produzido pelos traficantes e vendido já pronto para ser usado (p. 14).

Embora o crack venha assumir a representação de uma nova droga, na verdade, ele pode ser pensado como uma forma de administração da cocaína, sendo um subproduto desta, que, transformada em pó, adicionada de água, bicarbonato de sódio e aquecidos, se origina a droga em formato de pedras, então já conhecida como crack, nome esse concebido pelo barulho emitido ao ser transformado. Pode ser fumado em cachimbos, em latas de alumínio. Embora os apetrechos para seu uso sejam variados, a maneira de colocar a pedra em combustão sempre é a mesma, ou seja, coloca-se primeiro a cinza de cigarros onde será queimada, a pedra por cima, acende e enfim aspira-se a fumaça. Seu uso tornou-se comum nas camadas sociais mais pobres, em razão de sua forma de uso ao ser fumada, tornando-se essa a maneira mais rápida e eficiente de levar a droga ao cérebro, produzindo um forte efeito com uma quantidade menor de cocaína. Isso possibilita a redução do preço e acesso ao uso pelas camadas mais pobres. Era considerada pelos traficantes como uma nova maneira de comercializar a cocaína, considerada uma mercadoria cara, porém, vendida por um preço bem mais baixo em pequenas unidades. (Dados referentes à cartilha Observatório do crack/Confederação Nacional de Municípios – Brasília: CNM, 2011. p.7).

3.2.1 O que é o crack?

“A pedra de crack é produzida a partir da mistura da pasta-base da cocaína, bicarbonato de sódio ou amônia e água, gerando um composto de coloração bege, que pode ser fumado. O nome ‘crack’ vem do barulho que as pedras fazem ao serem queimadas durante o uso”. (CARTILHA OBSERVATÓRIO DO CRACK)



FOTO 5 – pedras de crack (cartilha Observatório do crack, p.8)

3.2.2 Como é o uso?

“O usuário queima a pedra de crack em cachimbos improvisados, como latinhas de alumínio ou tubos de PVC, e aspira a fumaça. Pedras menores, quando quebradas, podem ser misturadas a cigarros de tabaco e maconha, chamado pelo usuário de piticos, mesclado ou basuco” (Cartilha Observatório do crack, p. 7).



FOTO 7 Usuário queima pedra de crack em cachimbos improvisados (Cartilha Observatório do crack p.8)



FOTO 8- Usuário queima pedra de crack em latinhas de alumínio
(Cartilha Observatório do crack, p.9)

Domanico (2006) considera a “epidemia do crack” resultado da política de proibição das drogas e da ausência de insumos químicos, como éter e acetona essenciais à transformação da pasta base⁹ em cocaína, ocasionados pelo controle governamental dos Estados Unidos, fazendo, então os traficantes produzirem uma forma menos pura, porém bem mais vendável.

O crack emerge no Brasil por volta da década de 1990, com rápida expansão, principalmente nos grandes centros urbanos, inicialmente, na cidade de São Paulo e, depois, nas diversas regiões do País. Segundo Domanico (2006),

Quando o crack surgiu e seu uso se banalizou entre a população das camadas sociais mais pobres da sociedade, pudemos observar a criação de regras sobre seu uso por muitos técnicos da saúde (médicos, psiquiatras, psicólogos e assistentes sociais) ligados ao atendimento de usuários de drogas que começaram disseminar a ideia de que o crack era a “droga do mal” e se encarregaram de tornar o crack a pior droga do momento. Já os impositores, que na época estavam ligados às questões judiciais, se encarregaram de se qualificar a polícia, em especial, como a força responsável para combater o mal, com a ajuda da mídia obviamente. Este

⁹ Primeiramente, logo após a colheita, as folhas são colocadas ao sol para uma rápida secagem. Depois, são enviadas para outras localidades que devem ser próximas, para evitar a decomposição do princípio ativo presente nas folhas, onde são convertidas em “pasta-base”. Para tanto, são moídas e colocadas em uma prensa com ácido sulfúrico, querosene ou gasolina, e comprimidas até formarem uma massa contendo até 90% de sulfato de cocaína (DOMANICO, 2006, pag. 12).

movimento teve repercussões diretas na forma como a sociedade lidou com o uso do crack, surgindo o pânico moral (pag. 25).

Segundo o jornal Bom dia Brasil (Edição do dia 20/09/2013), o Brasil já possui em média 370 mil usuários de crack só nas capitais, e a maioria desses usuários se encontra no Nordeste. Esses números são relativos ao primeiro e maior levantamento nacional sobre o uso da droga. Depois vem a região Sudeste, Centro-Oeste, Sul e, por último, a Norte, No Maranhão, o crack está em mais da metade dos municípios. No Estado do Piauí, foi registrado um número impressionante de dependentes.

No Brasil, o seu uso foi espalhado principalmente entre os moradores de rua das grandes cidades, Conforme os dados, na mesma proporção, os seus efeitos devastadores ficaram visíveis nos usuário como: a magreza, sujeira, os vários delitos cometidos para manter o vício e a fissura causada pela ausência da droga.

Como vimos no decorrer da história sobre as drogas, as características de uso modificaram-se significativamente nas últimas décadas, mais especificamente na contemporaneidade. Na atualidade, as substâncias psicoativas passaram de exóticas e fascinantes como eram tidas na Antiguidade, para adquirir o caráter de mercadoria ilícita. Observam-se dentro desse crescimento vertiginoso, quadros de abuso e dependência química, principalmente entre os jovens, o que constitui, hoje, problema mundial, fazendo do crack a questão sociocultural complexo e de enfoque multidisciplinar, pois o consumo dessa droga ultrapassa os meros aspectos legais, jurídicos e locais, sendo um problema característico da sociedade contemporânea (SANCHEZ, 2002). Em razão do alto poder viciante do crack, temos na contemporaneidade uma boa discussão sobre o abuso e dependência de drogas e mais especificamente, do crack. Desta forma, deixamos por um instante o contexto historiográfico, político e cultural, indo para outros campos, onde precisamos, neste momento, reconhecer a importância dos discursos médicos sobre o assunto.

Inicialmente apontamos a tona à análise feita por Maurício de Fiore (2005), a respeito dos discursos médicos sobre uso de drogas na atualidade, o qual ordena a produção e reprodução de discursos sobre essa temática, por meio de dados coletados em entrevista, eventos, publicações e imprensa, compreendidos como dispositivos conceituais para este trabalho, relativos à área da saúde. O autor propõe compreender alguns aspectos contemporâneos de uso das drogas, tendo como uma de suas principais vertentes nessa reflexão a “medicalização”,

entendendo-a como fundamental na composição de um dispositivo do uso de “drogas”, que ordena a produção e reprodução de discursos sobre o tema. Aponta categorias, conceitos e concepções que moldam a visão da Medicina, buscando-se, momento, apenas a homogeneidade que envolve esses discursos.

O uso, abuso e dependência de drogas tornou-se há um certo tempo objeto de estudo. Fiore, *grosso modo*, especifica o estudo antropológico do assunto no Brasil, a divisão temática em três tipos:

- a) Os estudos sobre uso de substâncias psicoativas entre sociedades indígenas, extintas ou não (por exemplo COELHO, 1976); b) estudos sobre rituais “tradicionais” que envolvem uso de psicoativos, como o ayahuasca ou rituais afro-brasileiros (por exemplo MACRAE, 1992; LABATE, 2000); c) estudos sobre uso de psicoativos no meio urbano, relacionado ou não com rituais religiosos (por exemplo VELHO, 1998; MACRAE e SIMÕES, 2000 pag. 2).

Em seu trabalho no estante, porém, toma como foco os discursos usados na Medicina, coletados em vários contextos “que vigora na sociedade ocidental, do qual a Medicina participa como “sócia-fundadora”. Embora a dimensão dessa discussão tenha um alcance mundial, o autor faz um recorte hora a realidade brasileira, delimita esse recorte a um conjunto de dados do GREA (Grupo de Estudos Interdisciplinares sobre Álcool e Drogas) do Instituto de Psiquiatria da Universidade de São Paulo, somado a material da mídia impressa e televisiva, livros e revistas da área médica especializada no assunto, eventos de cunho científico e material de instituições especializada.

Partindo dos aspectos institucionais da Medicina relativos ao uso de drogas no Brasil, temos que somente a partir de 1976 foi que a Lei de Tóxicos começou a ser uma norma penal em branco, significando que, desde esse momento, fica sob a responsabilidade do Ministério da Saúde toda a regulamentação relativa a quais substâncias deveriam ser controladas ou proibidas. Em relação ao aspecto jurídico, o Decreto nº 2.63212 (1998) criou a SENAD (Secretaria Nacional Anti-Drogas) e o CONAD (Conselho Nacional Anti-Drogas), os quais formam em conjunto, o Sistema Nacional Antidrogras,¹⁰. A SENAD, instituição do Executivo Federal Antidrogras, vinculada diretamente ao Gabinete de Segurança Institucional do Presidente da República, gradualmente estimula e financia estudos

¹⁰ Tem por meta “planejar, coordenar, supervisionar e controlar as atividades de prevenção e repressão ao tráfico ilícito, uso indevido e produção não autorizada de substâncias **entorpecentes** e **drogas** que causem dependência física ou psíquica, e a atividade de recuperação de dependentes”.

médicos-epidemiológicos, mas, em nenhum momento, o CEBRID passou a ser referência em relação a pesquisas e a dados quantitativos sobre consumo de substâncias psicoativas, com expansão nacional.

Na busca de definição sobre a patologia relativa ao uso de drogas na Medicina, temos a definição de que nem todo sujeito que faz uso de drogas é considerado um dependente. Para se fazer uma análise patológica, é necessário que seja feita uma reflexão sobre o conceito de doença relativo ao uso de drogas, na tentativa de separar o consumo da dependência dentro dos limites de um uso patológico a respeito do conceito de doença conforme descreve Fiore (2002, pag.11):

Para a análise da patologia, se deve, primeiramente, refletir a respeito do conceito de doença utilizado com relação ao uso de “drogas”. Como já foi dito, a preocupação com os excessos no consumo do álcool começaram ainda no século XVIII. Não era a própria bebida, mas sim o “bebedor-problema” que importava, visto como um degenerado. Eram imputado-lhe diversos adjetivos e classificações médicas, inclusive “doente”. Sua “doença” agregava, é verdade, degeneração física, mas esta era indissociável de seus aspectos morais, culturais e raciais que demarcavam seu caráter. No decorrer do século XX a medicina vai progressivamente considerar o alcoolismo e a dependência de outras drogas como uma entidade nosológica específica, ou seja, uma doença que poderia ser diagnosticada independentemente dos antigos critérios morais e raciais. Foi nas décadas de 1950 e 60 que este processo se consolidou, e a adição, termo então preponderante, foi caracterizada como doença mental que agrega “desejo físico irresistível acompanhado de fatores psicológicos” (TOSCANO, 2001:21). Fazia-se necessária então uma classificação nosológica e sintomática mais precisa, o que foi buscado sistematicamente, não só pela medicina, mas pela psicologia e pela própria biologia, até os dias de hoje.

Os médicos percebem que os vários conceitos propostos auxiliam na análise geral do problema, porém resguardam os limites do diagnóstico até a avaliação clínica pessoal, pois cada caso precisa ser analisado, pois o próprio indivíduo seria seu melhor analista, conforme o discursos de alguns médicos, mostrados abaixo Fiore (2002, p.12):

“Eu acho que todo paciente que começa a fazer uso regular de uma substância psicoativa merece uma avaliação, não necessariamente um acompanhamento, mas uma avaliação.” (Regina,)

“Se a pessoa usa qualquer droga, ela usa e ela está bem, mantém a escola, mantém o trabalho, mantém família, tá bem com ela mesma, eu não acho que seja um problema médico. Mas se ela usa, independente da frequência, independente da quantidade, independente da droga, ela usa e começa ter

a atritos e fica mal, ela usa droga injetável e fica com AIDS, tem um caso médico.” (Paulo)

“Eu acho assim, a primeira coisa, se o indivíduo admite que está com um problema ele é um caso médico. Mesmo que seja um uso pequeno. É um caso médico quando chega no abuso ou dependência, que é isso: quando o indivíduo passa a ter problemas sociais, familiares, legais, de saúde em função da substância.” (César)

Desta forma, seria de responsabilidade do próprio indivíduo perceber o seu problema. Caso contrário, caberia as suas ligações sociais, como a família, o trabalho, ou até mesmo a polícia e a justiça, direcioná-lo a um tratamento, tendo como referências do problema a falta de respeito às leis, regras de convivência social, conforme relato médico:

“Quando infringe, ou quando compromete algumas áreas, áreas de saúde, mesmo dele, legal, em função de um comprometimento mesmo do álcool. Eu não estou dizendo que é doença porque ele tem problema com o sistema legal. Eu tô dizendo que é doença porque em função do uso e do consumo a crítica fica prejudicada e ele compromete limites sociais.” (César, p.12).

Fatores como frequência e quantidade de uso são relativizados pelos médicos a favor de critérios mais amplos que relacionem os prejuízos que o uso de “drogas” traz para a vida do indivíduo (FIORE, p. 13).

“A gente sempre trabalha com prejuízo, para o usuário de álcool, o cara usa todo santo dia uma quantidade de um terço de uma garrafa de uísque, na sua casa, ele chega do trabalho, pega seu uísque, vai bebendo durante a noite um terço da garrafa, vendo televisão, vai dormir, acabou, pronto. Esse cara é um dependente de álcool? Primeiro, a dependência de álcool não é só frequência, ele pode tomar todo dia e não ser dependente. A gente trabalha com dependência com alguns fatores associados, por exemplo, será que ele é capaz de optar?”(Alexandre)

Ao entender a dependência¹¹ ou abusivo de “drogas” como um tipo de doença crônica – sem cura, desta forma, a Medicina acaba por classificá-la no mesmo patamar de doenças do tipo diabetes, hipertensão vascular, que precisa de acompanhamento médico para não se agravar. Ao se considerar a dependência ou abuso de “drogas” uma doença, há também a necessidade de classificações

¹¹ Ronaldo Laranjeira (2010), conceitua dependência química como sendo uma doença crônica e recidivante especificamente do cérebro, caracterizado pelo o uso frequente de substancias psicoativas, ocasionando transformações na estrutura e funcionamento do mesmo. Sendo uma droga poderosa com a capacidade de mudar completamente o completamente o comportamento do indivíduo.

nosológicas (ver conceito) específicas. Atualmente, a Medicina parecer estar mais segura quanto à possibilidade daqueles que já nascem com um risco bastante alto para a dependência, independentemente das condições ambientais e culturais que viveram, conforme embasamento teórico de Fiore (2006, p. 15):

Muito antes dos avanços recentes da biogenética, com suas marcantes conseqüências, a noção de degeneração hereditária e a sua influência no abuso de “drogas”, principalmente o álcool, já estava presente na medicina. A toxicomania ou o alcoolismo eram muito menos problemas ligados a substâncias do que degenerações de toda espécie que tornavam vulneráveis a alma e o corpo do indivíduo (ADIALA, idem:74). Nina Rodrigues, por exemplo, cânone da medicina legal brasileira, considerava que os mestiços, por sua degeneração física e cultural, eram mais propícios ao alcoolismo e a vadiagem (RODRIGUES, 1899:13). Como foi discutido anteriormente, a ligação da dependência de “drogas” com uma patologia específica (doença) (CRUZ, idem:235, FORMIGONI, 2000) se desenvolveu realmente a partir dos anos 1950. Antes dos avanços realizados no mapeamento genético humano, diversos estudos foram realizados seguindo, na maior parte das vezes, concepções mendelianas clássicas, utilizando-se como parâmetro de comparação gêmeos, filhos adotivos e biológicos, etc. A maioria deles tentava entender as origens do alcoolismo, não porque não houvesse interesse em outras substâncias, mas, simplesmente, pela facilidade de se encontrar objetos de estudo, além de um distribuição altamente igualitária nas mais diversas classes sociais. Nesses estudos, gêmeos eram avaliados com o intuito de apurar se os monozigóticos dividiam mais a propensão ao alcoolismo entre si dos que os dizigóticos. Filhos biológicos de alcoólatras criados por pais não-alcoólatras e vice-versa também foram testados. Na grande maioria dos casos foi constatada a influência do fator genético. Assim, a psiquiatria confirmava que, mesmo na ausência das tecnologias de sequenciamento genético, o potencial para dependência de qualquer substância estava dado desde o momento do nascimento.

A tese de doutorado defendida por Domanico em 2010, intitulada **Craqueiros e Cracados: bem vindo ao mundo dos nórias!**¹² foi um estudo que tratou sobre a implementação de estratégias de redução de danos para usuários de crack nos cinco projetos-piloto do Brasil, onde destacou o *pânico moral*, de acordo com a autora, como sendo um dos vários tipos de reações da sociedade, iniciada na década de 1990, quando o crack surgiu de forma epidêmica na cidade de São Paulo. Tudo isso foi criado e colocado de forma impositiva pelos empresários morais, “contudo, para tal afirmação é necessário que façamos um breve debate

¹² É um título fantasia, onde craqueiro é termo usado para se referenciar os usuários de crack, e “cracados” é um termo criado por um grupo de técnicos para se referirem às pessoas que trabalham com usuários de crack. Bem vindo ao mundo dos nória, diz respeito ao “mundo” do uso de crack também usam o termo “nória” tanto para referenciar o usuário de crack como para referenciar o efeito causado pelo uso de crack.

sobre as regras na sociedade, sua criação, sua imposição e a repercussão de tal atitude” (DOMANICO, 2010, p.23).

Afirma, também, que essas regras são fundadas no surgimento de um fenômeno social, tido pela sociedade como um problema que deve ser resolvido, que, no caso do crack, como um mal a ser eliminado, na seguinte fala:

Mas o mal não é eleito aleatoriamente, ele tem motivos para assim ser considerado. Quando surgiu o crack e seu uso foi disseminado entre a população de rua nas grandes metrópoles e os efeitos do seu uso ficaram muito visíveis à população geral (magreza causada pela desnutrição, sujeira causada pelo uso das drogas durante vários dias consecutivos, pequenos delitos para compra de drogas e fissura pela ausência dela), a justificativa ficou simples para o criador de regras porque, como o efeito do uso de crack ficava evidentemente associado como ruim, ele conseguiu apoio de várias instituições para a criação de regras, como por exemplo, “eliminação do crack”, “salvação do craqueiro”, “proteção dos filhos (as) das craqueiras” etc. Até hoje ouvimos histórias sobre usuários de crack que fumaram uma vez e já ficaram totalmente dependentes, ou que fumaram uma vez e sua vida acabou etc. (DOMANICO, 2010, p.24).

Conforme a autora, os empresários morais estão divididos em duas classes: os criadores (são os que se dedicam aos conteúdos das regras), como médicos, psiquiatras, psicólogos e assistentes sociais; e os impositores (são os que cuidam do cumprimento das regras), como sendo a polícia, juntamente com a mídia, podendo inclusive verificar a atuação desses empresários morais no pânico moral por meio de quatro eixos de sustentação (apud PERITTI-WATEL, 2005): o exagero dos fatos – a maneira como a mídia e os técnicos da saúde tratam o assunto; a amplificação por associação – um fator está atrelado como consequência de um outro; profecias da desgraça – que são totalmente prejudicados socialmente, e, a simbolização – quanto aos fatores relativos ao estereótipo de usuários de crack no papel de desviante.

Domanico (2010) atesta a relação do *pânico moral* ao uso do crack usando dois fatores de forte impacto na sociedade. Um diz respeito ao mito criado em torno dos *crack babies*, usando dados epidemiológicos, em que médicos e biólogos dizem que os filhos de usuárias de crack já nascem dependentes, prematuros, com sérios problemas físicos, dentre outros. E o outro é também em relação à disseminação da mídia, quando trata da questão como mortal, assustadora e sem a menor condição de convivência, usando como exemplo o levantamento feito pela Escola Paulista de Medicina (EPM) das manchetes de jornais diversos da cidade de São Paulo (pag. 29):

A droga do medo – Folha de São Paulo;
 21% dos usuários assaltam por cocaína – Folha de São Paulo;
 Abstinência não põe fim a danos da droga – Folha de São Paulo;
 Ex-viciada revela como sobreviveu à guerra do crack – Folha de São Paulo
 Educadores arriscam a vida para salvar viciados – O Estado de São Paulo;
 Os cachimbos da morte – Revista Época;
 Crack avança e vicia policiais militares – Folha de São Paulo
 PM reforçará policiamento no quadrilátero das pedras – O Estado de São Paulo;
 Crack provoca mais homicídios – Diário de São Paulo;
 Uso de cocaína entre jovens de rua cresce em SP – O Estado de São Paulo;
 88% dos meninos de rua já usaram drogas – Folha de São Paulo;
 Abstinência e sequelas – Folhas de São Paulo;
 Pesquisa mostra efeito das drogas em recém-nascidos – Folha de São Paulo;
 Projeto vai tratar dependente de crack – Folha de São Paulo;
 Pesquisa revela crescimento no uso de crack – Folha de São Paulo;
 Menores viciados em crack são resgatados das ruas – O Estado de São Paulo. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2010, p.29).

Embora estas constatações também venham de estudos, sabemos que outros são superestimados pelos empresários morais, como é caso dos *crack babies*, pois, no decorrer do tempo, esses estudos foram questionados, mostrando que os problemas dos filhos de usuárias de crack estavam mais relacionados às condições excludentes dessas mães, do que exclusivamente ao uso do crack (DOMANICO, 2010).

É necessário compreendermos, porém, que foi com tal propagação negativa que essa problemática recebeu uma maior visibilidade em relação à complexidade que implicam os vários aspectos socioculturais, como a cultura, a justiça e o campo das políticas de saúde, com suporte em discursos médicos na atualidade.

Temos várias questões e importantes paradigmas usados na interpretação da área da Saúde e Educação, em relação tanto aos fenômenos intrínsecos no processo de transmissão dos saberes nos dias atuais, quanto à prevenção ao uso de drogas e, mais especificamente, a vulnerabilidade da população de adolescentes com o desenvolvimento de seu sistema nervoso central, complementados com estudos e levantamentos sobre o envolvimento de jovens e, especificamente, entre estudantes, com drogas.

Desta forma, tomaremos como referência de análise, no próximo capítulo, as práticas educativas relacionadas a esse uso, as fases da infância à adolescência, e suas formas de prevenção no contexto familiar, social e escolar.

4 PRÁTICAS EDUCATIVAS E DROGAS – REFLEXÃO OU DISCUSSÃO?

*Se você não conhece a resposta, discuta a pergunta.
Clifford Geertz*

O fato de existirem várias maneiras de se pensar e realizar educação, seja ela formal, informal ou não formal, envolve práticas educativas, como anota Libâneo (1999), que propõe epistemologias próprias a cada perspectiva histórica em educação. Para se compreender a educação dentro de uma abordagem integradora, crítica e transformadora. É preciso compreender seus percursos e diversidade histórica. Desde a Antiguidade, o homem é característico como ser da linguagem nas representações do mundo, inicialmente reconhecida por um sistema de signos e posteriormente pelo reflexo da experiência na linguagem real de conteúdo e sentido representativo das coisas.

Para adentrarmos a percepção da necessidade de se elaborar propostas de educação diferenciada em cada período e contextos dentro da história da educação, trilhamos um rápido percurso sobre o tempo-espaço da ação social-humana, dentro de um plano discursivo e temático da história da educação sob a voz e a vez na história da educação (*conversa à boca de cena*) em Justino Pereira Magalhães, 2007. O autor faz seu percurso historiográfico, com um entrelaçar dos vários encontros que acontecem nas várias formas de se pensar a educação.

A História da Educação compõe um domínio primordial do saber pedagógico atual, caracterizado pelo pluralismo e pela diversidade. Não existe uma verdade absoluta, tudo depende do contexto explorado, ou seja, o conhecimento antropológico é relativo, incluindo a necessidade de uma reflexão tanto no que diz respeito às competências, quanto aos limites dos seus saberes. Estes caminhos perpassam discursos híbridos, com insistência a registros e formas de representações que aprofundam o potencial e a flexibilidade de novos instrumentos de comunicação e linguagem frente à complexidade e desafios dos fenômenos e objetos educacionais.

A educação é sempre uma atividade intencional, ou seja, existe uma finalidade para a implantação dos processos educacionais, além de a educação possibilitar um diálogo total do homem com ele mesmo. Nessa conversação, tem-se uma pergunta-chave: o que significa “educar o homem”, “educar as pessoas”, nos

contextos em que tanto a vida mental, mental humana, quanto a vida orgânica do homem podem ser reproduzidas tecnologicamente?

Já na atualidade, temos várias questões e importantes paradigmas usados na interpretação social, política e cultural da Educação, em relação tanto às desigualdades escolares, como também aos fenômenos intrínsecos no processo de transmissão dos saberes. Da década de 1990 aos dias atuais, a prevenção ao uso de drogas e a população de adolescentes representa inúmeros estudos e levantamentos sobre o envolvimento de jovens, especificamente, entre estudantes, com drogas.

Desta forma, tomaremos como referência de análise as práticas educativas relacionadas a esse uso, as fases da infância a adolescência e suas formas de prevenção no contexto familiar, social e escolar. Embora a Educação esteja presente ao longo da vida, relativamente ao uso de drogas temos como foco a adolescência.

Para Pais (2003), cada cultura possui uma forma específica de ler o mundo, de maneira que constrói o conceito de culturas juvenis. Para o autor, as formas de olhar essas juventudes podem agrupar-se em teorias dentro de duas principais correntes – a geracional e a classista – proporcionando ao pesquisador a conveniência, de acordo com o curso da investigação, de aflorar alguma delas.



Foto 9 – (ARAÚJO 2012, pag.188)

O período da adolescência é uma fase da vida em que ocorre intensa carga de estresse e pressão social, exigindo que os jovens deixem a fase de proteção e cuidados inerentes ao período da infância em nome da tão desejada liberdade, tornando-o assim uma fácil presa para a droga. Silva e Mattos (2012) caracterizam esse período da seguinte forma:

Além de ser um período caracterizado por conflitos psicossociais, pela necessidade de integração social, pela busca da auto-afirmação e da independência individual, a adolescência coincide ainda com a consolidação da identidade sexual, outra fonte de emoções conflitantes, decorrentes das mudanças que se processam no próprio corpo. Se todo esse processo ocorre de forma protegida e assumida, uma possível experimentação de drogas psicoativas nessa época tenderá a se resolver com a maturidade. Há evidências de que a maioria dos jovens que experimentara drogas e delas fazem uso esporádico deixam de fazê-lo por volta dos 25 anos – época em o indivíduo assume papéis adultos, na profissão e na família, estabelecendo vínculos afetivos e profissionais mais duradouros. (Pag. 41).

Os autores acentuam que esse período de transição do estado de dependência para o de autonomia pessoal precisa ser especialmente assistido e acompanhado sob o apoio tanto dos pais, como de educadores ou responsáveis. Pensou que deve ser favorecida a capacidade de suportar as dificuldades desse período, superar e aprender a lidar com suas dúvidas e incertezas diante da vida e, principalmente, assumir decisões de forma responsável, sem as intervenções de adultos. Segundo a observação clínica “... *as crianças que iniciam o uso de drogas antes mesmo da adolescência mostra que, na maioria das vezes são indivíduos desprotegidos e expostos, antes do que deveriam...*” (pag. 40), ou seja, são obrigados a decidir e responder por atos sem orientação e acompanhamento.

Para compreendermos os desafios que os jovens enfrentam diante das drogas e suas consequências, é preciso conhecer a vulnerabilidade dos jovens e adolescentes, assim também, como se desenvolve o sistema nervoso central nessa fase da vida, deixando-os tão propensos a dependência de substâncias psicotrópica. São informações com que os profissionais de Saúde e da Educação deveriam se preocupar, pois são, segundo a literatura médica, “pequenos defeitos”, que podem resultar em alterações no comportamento, chegando até mesmo ao desenvolvimento cognitivo e emocional; sendo, inclusive, um aspecto novo da toxicologia do desenvolvimento, ainda pouco estudado e de difícil compreensão em razão de complexidade de aspectos determinantes ao comportamento humano, conforme Silva, Matos, (2012, pag.33).

Para entender o desenvolvimento comportamental precisamos conhecer, antes, toda a cronologia do desenvolvimento cerebral. Ao contrário dos demais órgãos, que ao final do terceiro mês de gestação já estão formados, o cérebro continua a se desenvolver por toda a gestação. Durante os primeiros anos de vida e até a adolescência, as estruturas cerebrais ainda estão se formando e amadurecendo, tornando-se, portanto, mais sensíveis aos agentes agressores. Embora seja verdade que, no adulto, a maioria das áreas cerebrais estejam definitivamente consolidadas, o desenvolvimento nunca termina em algumas delas (SILVA, MATOS, 2012 p. 33).

Ainda nos primeiros estágios de gravidez, ocorrem a formação e a multiplicação dos neurônios. Se nesse momento o desenvolvimento for vítima de alguma espécie de agressão, o resultado também será uma inevitável malformação. A criança, possivelmente, nascerá com um número menor de neurônios. Sua cabeça terá tamanho menor do que o normal e ela apresentará retardo mental. Isso pode ocorrer por causa de doenças contraídas pela mãe durante a gravidez, como rubéola, ou pela exposição a certos medicamentos – anticonvulsivantes, por exemplo – e às drogas, como o álcool etílico (SILVA, MATOS, 2012).

Ainda temos, porém um longo percurso entre compreender as evoluções anatômicas processadas no período de desenvolvimento do cérebro e conhecer o que realmente pode se passar funcionalmente dentro dele. O saber científico sobre o assunto, realmente, ainda é muito imaturo.

É importante conhecermos também a visão farmacológica sobre efeitos das drogas no cérebro. Os vários tipos de substâncias psicoativas são capazes de alterar de alguma forma a consciência ou produzir reações específicas no Sistema Nervoso Central (SNC). Essas sensações são explicadas por suas interferências no processo de captação e recepção de transmissores relacionados às sensações de bem-estar, como a dopamina e a serotonina. O resultado final desses efeitos é organizado pelos manuais médicos como estimulante, alterador ou depressor. Precisamos conhecer como acontece na pessoa e mais especificamente, no adolescente, todo o processo de motivação e dependência no uso de substâncias psicoativas.

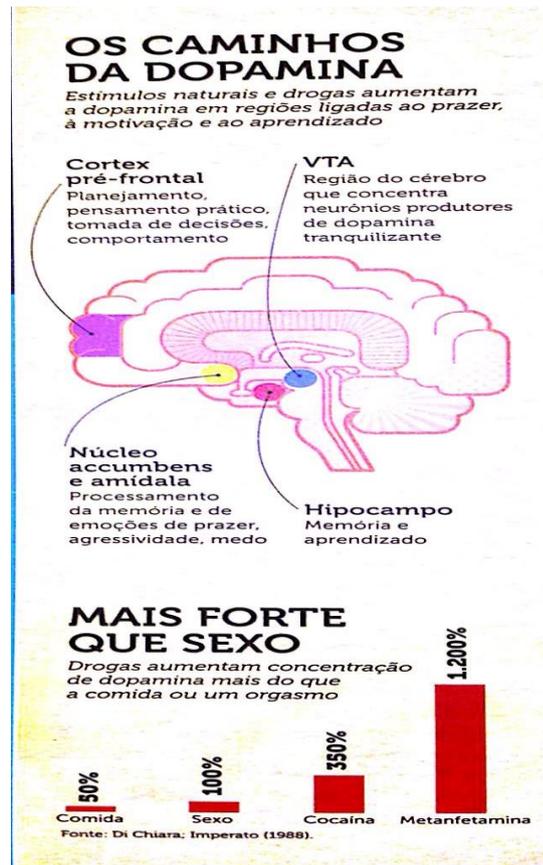


FOTO 10 – caminhos da dopamina (Araújo 2012, pag, 150)

Ainda segundo os autores Silva e Mattos (2012), uma grande quantidade de neurotransmissores está entrelaçada nos complicados processos cerebrais e como isso acontece especificamente no cérebro do adolescente. Desta forma, para fins um pouco mais didáticos, vamos simplificá-los e reduzi-los nesse momento aos dois principais já apresentados. (p. 37 e 38):

Muitos neurotransmissores estão envolvidos nos complicados processos cerebrais, mas podemos, para fins didáticos, simplificá-los, reduzindo-os aqui aos dois principais: A **dopamina (grifo meu)** que ativa o circuito da motivação, e a **serotonina (grifo meu)**, que o deprime. As drogas agem exatamente elevando os níveis de dopamina nas estruturas cerebrais. A liberação repetida de dopamina por meio de drogas leva a mudanças neuronais, ocasionando a “sensibilização” do organismo. A chamada sensibilização – ou tolerância reversa – se manifesta pelo aumento dos efeitos da droga por meio de administração repetido em baixas doses. Assim, o indivíduo passa a exibir um comportamento compulsivo pela droga – o chamado *cravig*, ou “fissura”, que é um desejo duradouro, existe mesmo quando a motivação básica para consumir a droga já não é o prazer imediato ou a necessidade de desprazer da abstinência. Isso ocorre porque há um processo de adaptação neuronal: os estímulos motivacionais associados com os sistemas de recompensa do cérebro ficam cada vez mais fortes, na medida em que a experiência se repete. O comportamento se torna assim, cada vez mais compulsivo.

Segundo a literatura médica sobre o assunto, os sistemas de reforço se revelam supratativos na adolescência, ocorrendo nessa fase exatamente o oposto dos sistemas inibitórios que controlam o comportamento. Isso significa que as drogas de abuso, ao estimular o sistema de recompensa no cérebro, são provavelmente sentidas no adolescente de modo muito mais intenso do que pelos adultos.

Explicam, ainda que, estudos científicos indicam o uso de drogas dos pais como um dos fatores de risco determinantes na frequência de uso de drogas na adolescência, inclusive “Entre os adolescentes que fazem uso substâncias psicoativas, a taxa de alcoolismo dos pais pode ser de até quatro vezes a esperada para a população geral”. (P. 42). Ou seja, esse fator de risco indica maior vulnerabilidade de filhos alcoolistas desenvolverem o uso de drogas, inclusive ser interpretado, com origem nos seguintes pontos; o primeiro diz respeito ao biológico, sob a possibilidade da vulnerabilidade genética, sendo determinada e transmitida geneticamente entre as gerações.

Outra teoria apresentada é a do aprendizado social. A criança aprendeu com o modelo dos adultos a sua volta, a somente conseguir enfrentar as situações de dificuldades da vida usando drogas e, conseqüentemente, agir da mesma maneira. Como também, em todas as circunstâncias, deve-se considerar a imbricação das várias possibilidades de dependência das drogas.

Quanto à realidade dos dados no contexto escolar Noto (2012), descreve em sua pesquisa “Os índices de consumo de psicotrópicos entre adolescentes no Brasil” sobre a pouca informação nas escolas particulares em relação ao uso de drogas, em razão de os levantamentos brasileiros se limitarem às escolas da rede pública, embora os poucos dados indiquem maior consumo entre os alunos da rede privada. Segundo alguns estudos, há diversos motivos para essa diferença, numa das quais é o maior poder aquisitivo da clientela privada. Outra explicação tem como fundamentação as características próprias do ensino público brasileiro, o qual facilita os altos índices de evasão, principalmente dos jovens que estão sob vulnerabilidade social, pois é justamente nesse grupo que pode estar a maior parcela de usuários de drogas.

Partindo da realidade apresentada em relação à disponibilidade de dados de uso de drogas nas escolas brasileiras e menos ainda sobre os programas de prevenção de drogas no Brasil, trazemos a leitura de Sloboda (2012), como proposta de reflexão, com base nos programas de prevenção em escolas dos Estados Unidos

ressaltou aqui, porém, o reconhecimento as diferenças dos padrões de consumo de um país em relação ao outro.

Indicativos de pesquisas estadunidenses afirmavam que a maior parte do uso de drogas entre adolescentes acontece por meio da influência de seus pares. Organizaram-se então programas de prevenção que tinham por base “o *aprendizagem social – ocorre quando o individuo observa o que os outros fazem e quais os resultados e conseqüências de seu comportamento*” (SLOBODA, 2012, p. 109), onde seria assumido o conceito de autoeficácia, programas esses que aumentariam a resistência às condições que facilitam o uso de drogas, dando-lhes as condições de praticar essa resistência em situações hipotéticas, apresentando para os mesmos um caráter experimental de realidade.

Após a publicação dos resultados de dois estudos financiados pelo NIDA – Instituto Nacional de Combate às Drogas, e a realização da primeira Conferência Nacional da Pesquisa de Prevenção ao Uso de Drogas, foi elaborado um manual com a denominação “Prevenindo contra o uso de drogas entre crianças e adolescentes: guia a partir de pesquisas”, que tinha como conteúdo o resumo das pesquisas, resultados e estratégias bem-sucedidos no que diz a respeito de à prevenção do uso de drogas, trazendo alguns pontos essenciais conforme Sloboda (2012, p. 110 e 111):

- os programas de prevenção devem valorizar fatores de proteção e reverter ou reduzir fatores de riscos;
- os programas de prevenção devem se ocupar de todas as formas de uso de drogas, tomadas em si mesma ou combinadas, incluindo o uso, por menores de idade, de drogas legais (isto é, cigarro ou álcool), o uso de drogas ilegais (por exemplo, maconha ou heroína) e o uso indevido de drogas obtidas legalmente (por exemplo, solventes) ou medicamentos sob prescrição;
- os programas de prevenção com base na família devem valorizar o vínculo familiar e relações familiares, além de incluir habilidades parentais; pratica de desenvolvimento, debates e cumprimento de políticas familiares relacionadas ao consumo de drogas; treinamento em educação e informação sobre drogas;
- os programas de prevenção podem ser desenvolvidos já desde a pré escola, com o intuito de se ocupar de fatores de risco para o abuso de drogas, tais como comportamento violento, fracas habilidades sociais e dificuldades na vida escolar;
- os programas de prevenção para crianças do ensino elementar devem visar a uma melhoria no aprendizado acadêmico e socioemocional, para com isso dar conta de fatores de risco inerentes ao consumo de drogas, como agressividade precoce, insucessos na vida escolar e repetência;
- os programas de prevenção para alunos do ensino elementar e médio devem aumentar a competência acadêmica e as habilidades sociais;
- os programas de prevenção direcionados a populações em transições de importância crucial, como a transição para o ensino médio, podem produzir efeitos benéficos mesmo entre famílias e crianças submetidas a um risco elevado de consumo de

drogas. Tais intervenção não se limitam promovem o vínculo com a escola e com a comunidade;

- os programas de prevenção comunitária que combinem dois ou mais programas eficazes, tais como programas focados na família ou em escolas, podem ser mais produtivos do que em um único programa tomando individualmente;
- os programas de prevenção na comunidade que cheguem as populações em uma maior variedade de ambientes, por exemplo; escolas, clubes, organizações fundamentais na fé e meios de comunicação – são mais eficazes quando apresentam mensagens consistentes e direcionadas a toda a comunidade em cada um desses ambientes.
- quando comunidades adaptam programas para satisfazer a suas necessidades, normas comunitárias ou exigências culturais diferentes, tais programas devem reter elementos nucleares de intervenção original baseada em pesquisa
- os programas de prevenção devem se dar em longo prazo e com intervenções repetidas (por exemplo, programas de incentivo), a fim de reforçar os objetivos de prevenção originais. pesquisas mostram que os benefícios dos programas de prevenção focados no ensino elementar diminuem caso não haja programas de sequência no ensino médio;
- Os programas de prevenção devem incluir treinamento de professores em boas praticas de condução de classe, isso envolvendo recompensas a comportamentos apropriados do estudante. Tais técnicas ajudam a fomentar um comportamento positivo dos alunos, bem como as realizações e motivações no âmbito acadêmico e os vínculos escolares.
- os programas de prevenção são mais eficazes quando empregam técnicas interativas, como discussões em grupo e o role-playing para pais, que permitam em envolvimento ativo no aprendizado sobre o uso nocivo de drogas;
- os programas de prevenção podem ser vantajosos do ponto de vista do custo-benefício. Pesquisas recentes revelam que para cada dólar investido em prevenção pode-se observar uma economia de até US\$ 10 no tratamento para o consumo de álcool ou de outras drogas.

Com a publicação desse manual, foi dado início aos processos de revisão periódica de todos os programas de prevenção ao uso de drogas dos Estados Unidos, tanto do Departamento de Educação quanto do Centro para Prevenção ao Uso de Drogas e a Administração de Serviços de Saúde Mental, sendo que a maioria serviria de indicação aos programas realizados em escolas. Usando as referências dadas pelo Manual, foram apontados três aspectos que podem ser desenvolvidos na prevenção ao uso de drogas dentro do ambiente escolar, mediante adequação da cultura da escola, com normas, crenças e expectativas de evitar o uso de drogas, incentivo a uma ligação mais próxima da escolar, a ligação do individuo à escola e à comunidade, criar uma política escolar ou de controle social, que busque uma aproximação mais ampla da escola em relação ao jovem, e, principalmente, ajustes no currículo disciplinar, com aulas pautadas numa abordagem cognitiva de prevenção. (SLOBODA, 2012, p. 112)

Relativo ao aspecto da **cultura escolar**, as estratégias usadas têm como principais pontos a constituição de ambientes que trabalhem contra o consumo de drogas, contra as concepções tidas como positivas ao uso de álcool, cigarros e

outras drogas e programas com a participação da direção escolar, pais e também responsáveis.

Quanto ao ambiente de prevenção, a escola, por motivos diversos, assume de fato a função de um ambiente mais propício às estratégias de prevenção ao uso de drogas. O motivo mais claro é por se tratar do local onde as crianças passam a maior parte de seu tempo. Tanto na primeira infância, quanto na adolescência a escola, se afirma como a instituição de socialização por excelência, na qual se reforçam valores e normas sociais, constituindo, também, em si, um ambiente de cuidado e proteção. A escola, como **agente de socialização**, deve disponibilizar às crianças condições de desenvolver habilidades e conhecimentos capazes de conduzir atitudes e comportamentos sociais aceitáveis. Como forma de proteção, na maioria das escolas, é proibido, o consumo de qualquer droga psicotrópica, dessa maneira, para reduzir a probabilidade de fazerem uso de álcool, fumo ou outras drogas (SLOBODA, 2012). Dentro das propostas sugeridas no Manual, existem três aspectos e estratégias de prevenção usadas nas escolas:

O programa inclui atividades para que os alunos desenvolvam habilidades sociais aceitáveis; para que professores aperfeiçoem seus recursos pedagógicos e sua maneira de conduzir a classe; e para que os pais adotem medidas e atitudes distintos: o grupo de intervenção integral, com intervenções da 1ª à 6ª séries; o grupo de intervenção tardia, com intervenções ministradas somente nas 5ª e 6ª séries; e o grupo de controle, sem nenhuma intervenção especial.

A discussão de políticas públicas ambientais mais gerais – que envolvam por exemplo, testes de bafômetro (para verificação do consumo de álcool) nas estradas, menores índices legais de concentração de álcool no sangue (CAS), e, deve ser feita pela escola e outras organizações da comunidade, incorporando-se, inclusive no próprio currículo escolar, o debate sobre as consequências legais do consumo de álcool por menores.

Algumas intervenções mais diretas, mencionadas em artigo publicado pelo pesquisador M.A. Penz no Journal of the American Medical Association, consistem na aplicação de testes de drogas em escolas e eventos esportivos. Em 1995, a suprema Corte dos Estados Unidos ratificou o direito de as escolas realizarem teste de drogas por seleção aleatória em alunos atletas. Em 2002, a Suprema Corte levou mais longe essa decisão, permitindo aos distritos escolares o direito de ampliar a aplicação desses testes a estudantes com participação em outras atividades extracurriculares. O apoio legal a essas regulamentações deu-se com base na observação de que o uso de drogas nas escolas, de fato, teria diminuído por ocasião da implementação do teste antidrogas. Para tal, é verdade, contou-se com um único estudo avaliativo de testes entre atletas, o Student Athlete Testing Using Random Notification (Notificação Randomizada de Uso de Testes em Alunos Atletas), razão pela qual os pesquisadores e especialistas se acautelaram quanto à utilização de tal recurso até que houvesse a realização de um estudo de caráter mais amplo (p. 114, 115).

Outra estratégia mais usada na escola para o trabalho de prevenção às drogas, é o uso de um programa organizado em formato de currículo, especificando o número de aulas sobre o tema. Uma pesquisa realizada em 1999 pelo Safe and Drug Free Schools Coordinators (Coordenadores para uma Escola Segura a Livre de Drogas) (pag. 116), contou com 81 distritos escolares em onze estados dos EUA. Mostrou que 80%,26% aplicavam programas do ensino fundamental ao médio, 42% informaram que seus distritos focavam, sobretudo, o nível fundamental ao (geralmente das 6ª ou 7ª séries até a 8ª); e 6% o ensino médio.

Enfim, os programas de prevenção as drogas estadunidenses, tem como principais objetivos: proporcionar aos seus alunos habilidades de resistir às drogas, sejam elas cigarro, álcool e outras substancias psicoativas, habilidades de controle social, como estabelecer metas e objetivos de vida, tomar decisões bem pensadas, manter qualidade na comunicação com seus pares e, dessa forma, disseminar princípios eficazes de prevenção e programas para a comunidade.

Adentrando a realidade brasileira sobre programas de prevenção ao uso de drogas, temos como referência a pesquisa “Programas de prevenção ao consumo de drogas no Brasil: uma análise da produção científica de 1991 a 2001”, realizada por Canelotti e Soares (2005). Segundo as autoras, no Brasil, até a década de 1990, tínhamos poucas pesquisas e investigações de cunho científico sobre o assunto, ocasionando descuidos e erros à importação de modelos em outras realidades dos programas de prevenção ao consumo de drogas.

O que tínhamos era a importação do modelo estadunidense, o qual usava duas formas de prevenção. A *persuasão moral* ao planejar que as pessoas não “queiram” usar drogas e a *repressão*, tendo como objetivo que elas tenham medo das consequências, principalmente legais, deste consumo. Do material pesquisado, grande parte mostrava críticas ao modelo estadunidense de guerra às drogas, intitulada “pedagogia do terror”, o qual indicava que a informação imposta de forma repressiva e alarmista, pois, na verdade, só levaria a desinformação e a curiosidade, estimulando nos jovens o desejo pelo uso das drogas. Neste mesmo período (década de 1990), a preocupação com políticas sociais de combate à epidemia da AIDS significa referência também às políticas de prevenção ao consumo de drogas. Desta forma, o Ministério da Saúde, em parceria com o MEC deram início à elaboração de projetos preventivos ao uso drogas. Embora não exigissem a

abstinência do uso, trabalhavam com a idéia da redução dos danos em consequência do uso (CANELOTTI E SOARES, 2005).

Segundo as autoras, de 1994 a 1998, houve a segunda fase de implantação dos projetos preventivos no Brasil. Foi no período em que as preocupações com a disseminação da Aids cresceram. Então, se procurou incluir nos programas de prevenção à Aids a atenção também aos usuários de drogas injetáveis. Assim, ficou como responsável pelos projetos a Coordenação Nacional de DST/Aids (CN-DST/Aids) do Ministério da Saúde, focando ações que visavam a conter a crescente epidemia de transmissão do HIV, por meio basicamente de ações educativas, composta por três linhas de atividades “formação de professores à distância - Projeto Prevenir é sempre melhor; formação de adolescentes multiplicadores e formação presencial de professores e alunos em dez capitais brasileiras - Projeto Escolas. (apud, RUA & ABRAMOVAY; 2001, pag 116); embora na segunda fase, também haja influência da Europa que desde 1972 já repensava os objetivos da prevenção ao consumo de drogas, enfatizando o papel da educação.

As autoras, avaliando as publicações coletadas, mencionam a existência de poucos materiais referentes à prevenção ao uso de drogas e de ações realizadas (28 ao todo), contidos em textos oficiais. Expressam que há um descompasso dos programas e orientações propostas por núcleos acadêmicos especializados e por textos oficiais e a forma como o assunto é abordado pela mídia por meio de propagandas dirigidas a famílias e aos adolescentes.

O uso de drogas é em geral tomado como disfuncional, multifatorial e identificado com os pressupostos da prevenção primária; há superposição de perspectivas teórico metodológicas; objetiva-se prevenir ao mesmo tempo o uso, o uso indevido ou o abuso; apresenta comunidades com a abordagem da redução de risco/danos, principalmente no que se refere à aceitação de que o consumo de drogas é histórico e processual; utilização de informação científica e ênfase na formação educacional e na utilização de métodos participativos.(CANELOTTI E SOARES,2005,p.120)

Buscam problematizar o consumo de drogas e levar a uma reflexão crítica, desmistificando o mal da droga em si e auxiliando na tomada de decisão segura, sadia e informada, de acordo com o contexto específico de cada sujeito (CANELOTTI E SOARES, 2005, p. 126)

Juntamente com as publicações sobre os tipos de experiências em prevenção ao uso de drogas usados no Brasil, foi acrescentado um importante material para o contexto educacional da época, um Censo que fazia parte do Programa Saúde e Prevenção nas Escolas (BRASIL, 2007), trabalhado

conjuntamente entre o Ministério da Saúde e o Ministério da Educação, tendo como proposta principal de governo a tão sonhada articulação entre as áreas da Saúde e Educação. O censo havia como objetivo delinear um panorama nacional das atividades em prevenção, realizadas nas escolas brasileiras que apresentassem ao alguma articulação com a temática das drogas. Dentre os pontos expressos no censo, tinha como eixos norteadores: as atividades realizadas, grupo de envolvidos em âmbito das atividades, profissionais responsáveis, periodicidade das atividades, numero de profissionais e alunos envolvidos nas atividades, o qual apresentou os seguintes dados:

O qual cerca de 73% das escolas brasileiras trabalham o tema drogas nas escolas. Dentre ações desenvolvidas onde o tema é abordado estão à inserção do tema em disciplinas (48,3%), a palestras (40,7%) como estratégias mais utilizadas. Na ordem decrescente, têm a distribuição de material educativo (17,5%), outras atividades (14,9%), feira de ciências (10,6%), oficinas (8,2%), distribuição de preservativos (0,9%).

Alunos estudando nos anos iniciais do ensino fundamental (cerca de 43%), seguido dos professores(39,3%) como seguinte coletivo mais envolvido nessas atividades(...) (...)alunos dos anos finais do ensino fundamental (28,6%), funcionários das escolas (20,2%), pais e comunidade (17,9%), jovens e adultos (13,6%), ensino médio (10,8), nível infantil e pré-escolar (5,7%) e organizações de jovens (2,7%). Poucas escolas (menos de 2%),relataram a inclusão do tema Drogas em comunidades indígenas e de quilombolas e na educação especial. (BRASIL, 2007, p.40)

Em relação aos profissionais da Educação responsáveis pelas atividades propostas no Censo, registraram-se profissionais da área capacitados (28%) e profissionais da área não capacitados (25,4%). Em seguida, foram realizadas leitura e classificação dos textos, segundo a abordagem em que se baseavam, utilizando-se das seguintes categorias: combate ou guerra às drogas, redução de riscos/danos ampla, transição e redução de danos para prevenção da Aids (Quadro 1), tomando como base o estudo de Soares & Jacobi (2000, P. 120)

<p>Combate ou guerra às Drogas</p>	<p>A droga é considerada causa dos problemas dos indivíduos; idealiza-se uma sociedade livre de drogas, aceitando-se somente a abstinência como meta; as informações são tendenciosas; os métodos são alarmistas, amedrontadores e generalizadores; responsabiliza-se o indivíduo pelo consumo e se requer exclusivamente dele os esforços para</p>
------------------------------------	---

	mudança de comportamento.
Redução de riscos/ danos ampla	Crítica explícita à política de guerra às drogas; a demanda e a oferta de drogas lícitas ou ilícitas fazem parte do processo histórico e social contemporâneo; os objetivos da prevenção abrangem qualquer avanço que minimize os prejuízos que possam advir do consumo de drogas; admite-se diferentes tipos de uso; a educação deve despertar a crítica, com projetos de fortalecimento dos indivíduos e grupos ou classes sociais; os métodos são participativos e inclusivos; os projetos são específicos para cada situação.
Transição	O uso de drogas é em geral tomado como disfuncional, multifatorial e identificado com os pressupostos da prevenção primária; há superposição de perspectivas teórico metodológicas; objetiva-se prevenir ao mesmo tempo o uso, o uso indevido ou o abuso; apresenta comunidades com a abordagem da redução de risco/danos, principalmente no que se refere à: aceitação de que o consumo de drogas é histórico e processual; utilização de informação científica e ênfase na formação educacional e na utilização de métodos participativos.
Redução de danos aplicada à AIDS	O objetivo central é a prevenção da transmissão do HIV pelo compartilhamento de material de uso de drogas injetáveis.

Quadro 1 - Categorias de análise da bibliografia, segundo a abordagem utilizada na prevenção. São Paulo, 2003.

O material também foi organizado segundo o objetivo proposto da seguinte forma: orientação para a prevenção (artigos de reflexão e análise) ou relato do desenvolvimento de projeto de prevenção (artigos de estudo de caso, em qualquer fase), da seguinte forma, Soares & Jacobi (2000, p. 121).

Orientação	A linha-mestra é a análise crítica acerca da prevenção de drogas, orientações e propostas para o desenvolvimento de programas.
------------	--

Desenvolvimento do projeto	Diz respeito àqueles textos que descrevem projetos de prevenção em fase de proposta, implantação, desenvolvimento e/ou avaliação.
----------------------------	---

Quadro 2 - Categorias de análise da bibliografia, segundo o objetivo da publicação. São Paulo, 2003.

Muito se tem feito para combatê-las, principalmente quando se fala no uso dessas substâncias por jovens. São programas, projetos e coordenadorias que têm o apoio tanto da esfera federal, como da estadual e da municipal. Dentre estes, podemos citar alguns como: “Coordenação de Políticas de Prevenção Atenção e Reinserção Social de Usuários de Crack, Álcool e outras Drogas”; “Crack, é possível vencer”; “Cartão recomeço”; “Enfrentamento ao Crack e outras Drogas”; “Política Pública sobre Drogas”; “Prevenção de Uso e/ou Abuso de Drogas”; “Prevenção é ação”; além de diversas outras políticas públicas e coordenadorias criados para esse fim.

Dentre as conclusões, o estudo mostrou que boa parte das publicações tem como objetivo orientar para a prevenção; que a esse programa apresentaram componentes importantes nesse processo, dentre eles o respeito à realização de estudos epidemiológicos, essenciais a qualquer planejamento e tidos, principalmente, como paralelo para uma avaliação inicial na elaboração de programas. A produção científica acerca do tema drogas é abundante no que diz respeito aos aspectos farmacológicos da droga em si, e ao tratamento da dependência e por sinal, bem amplos na área da Saúde, porém bastante escassos na Educação.

Pensamos que o trabalho no combate destas práticas se restringe apenas à área da Saúde, ao Judiciário e á Assistência Social. Engano. A Educação, no âmbito escolar e familiar, tem fundamental papel a desempenhar. Não é apenas por meio da liberação de recursos que o combate ao uso de substâncias ditas lícitas e ilícitas deve ser desenvolvido. Vai muito além do financeiro. É preciso que a sociedade, por meio de ações culturais e educativas, junte forças no sentido de desenvolver estratégias de resgate e prevenção ao uso de drogas por parte de crianças e adolescentes.

Percebe-se é que muitos destes programas têm seu foco de atuação na recuperação dos dependentes, estando as ações preventivas em segundo plano. De

que adianta o exacerbado gasto de verbas públicas na recuperação dos dependentes, sem antes haver um eficiente programa de prevenção destas práticas? É o mesmo que deixar afogar-se para depois aprender a nadar.

O que pode notar foi que, apesar de toda a polêmica e medo social em relação às drogas, a sociedade civil, especificamente o Estado, realmente, apenas procuraram novas poções para a prevenção do consumo prejudicial de drogas com a disseminação do HIV. Grave e fatal, a Aids impôs uma preocupação social, antes de cunho individual, de preservação às pessoas dos danos a saúde pessoal e ao exercício da própria sexualidade, quando feita sem proteção.

Na literatura científica, percebe-se claramente que as produções científica sobre o tema drogas é abundante no que diz respeito aos aspectos farmacológicos da droga em si, e ao tratamento da dependência, como tradicionalmente o tema tratado na área da Saúde; e outros estudos consistem apenas de levantamentos epidemiológicos, não levando em consideração, por exemplo experiências de cunho educacional e psicológico, ocasionando em propostas somente nas instituições de esfera federal, onde há um verdadeiro desencontro das proposições dos chamados núcleos acadêmicos e das propagandas veiculadas pela mídia.

É necessário compreendermos, porém, que foi com tal propagação negativa que essa problemática recebeu maior visibilidade em relação à complexidade que implicam os vários aspectos socioculturais, como a cultura, a justiça e o campo das políticas de saúde na atualidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da trajetória de vida de Bim Guerra e das temáticas apontadas, buscamos investigar práticas educativas e culturais dos usuários de crack, de um dependente dessa droga que pudessem ora guiar ora serem guiadas, por entre saberes, discussões e reflexões aos aspectos sociais, culturais e educativos no que diz respeito ao uso, abuso e dependências de drogas, usando como principal foco a droga crack; como também, as implicações socioculturais como perspectiva fundamental, para melhor compreensão acerca de fenômenos e objetos relativos às discussões que envolvem a educação informal e não formal na atualidade.

No desenvolvimento da pesquisa, buscamos inicialmente apresentar as possibilidades de uso de droga, na trajetória de vida do dependente Bim Guerra, para a constituição de reflexões relativa à problemática no uso do crack, destacando-se elementos deveras relevantes no pensar sobre drogas, como: ciclo de amizades, contexto social de usuários de drogas e presença destes nesse ciclo, como também na experiência com outras drogas, ou novas drogas, conforme apresentado claramente na falas de Bim Guerra.

Na análise da trajetória do uso de drogas nas falas de Bim Guerra, foi importante discutirmos aspectos que nos ajudaram a entender o porquê de as pessoas continuarem usando drogas, a despeito de toda sua negatividade e dos esforços empenhados em combater esse uso. Onde, para um entendimento mais pleno da questão das drogas, especificamente do uso do crack, devem-se levar em consideração os “diferentes sujeitos” e a subjetividade que os envolve quando fazem uso dessas substâncias, assim como os diversos contextos culturais, educativo e a fase de vulnerabilidade que cerca os adolescentes e permeiam essa realidade com base nos tópicos de estudo. Embora não afirmemos que o uso do crack seja uma prática decorrente de outros tipos de drogas, não podemos negar que a oportunidade de experiência com outro tipo droga permita favorecer esta prática.

Tivemos nos pressupostos teóricos das áreas da saúde, ora aqui expressos fortes aliados à compreensão das relações que fundamentam as situações, preconceitos e estigmas sociais de violência, como também conhecer e analisar os sistemas e estruturas de pensamento que estabelecem a exclusão dos não privilegiados e as formas de dominação imputada à falta de oportunidades,

reproduzida nas relações sociais. Considerando que a problemática do crack, pode ser compreendida além dos estudos que envolvem apenas as questões epidemiológicas, assim o presente estudo discutiu essa problemática numa perspectiva de práticas educativas e culturais.

Discutimos no segundo capítulo várias formas e conceituações do termo “drogas”, fazendo parte de uma reconstrução de seus conceitos desde a linguagem do senso comum, da cultura até os discursos médicos, dando a oportunidade de ressignificar também nossos conceitos. É, porém, necessário compreendermos que foi com base nessa propagação negativa que essa problemática recebeu maior visibilidade em relação à complexidade que implicam os vários aspectos socioculturais, como a cultura, a justiça e o campo das políticas de saúde na atualidade. Discutimos também, como o conceito de prazer que é classificado pela Medicina com categorias que ultrapassam suas fronteiras, como “positivo”, “negativo”, “químico” etc.

Conhecemos por meio do percurso historiográfico de várias práticas culturais socialmente constituídas e disseminadas no tempo e no espaço, que o uso dessas substâncias, assim como o combate ao uso, vai muito além do ontem e do hoje. Estas ideias foram estabelecidas historicamente, de modo que permanecem arraigadas em nosso meio social, político e econômico, diferenciando apenas a forma e contextos do uso de substâncias psicoativas.

Outra discussão importante nessa pesquisa foi relativa aos Programas de prevenção do uso de drogas, o qual foi usado modelos dos Estados Unidos e dados de uma pesquisa das publicações realizadas entre os anos de 1991 e 2001, em relação às estratégias usadas no Brasil para a prevenção ao uso de droga. Percebemos a educação capaz de ofertar uma maior contribuição na reprodução de espaços e saberes legitimados quanto aos diferentes aspectos que norteiam o uso, abuso e dependência de drogas, inclusive apontar as possíveis contribuições do campo educacional em relação ao tema.

Enfim, foi brevemente discutida a repercussão dos discursos médicos, como forma de legitimação, pois, na verdade se estabeleceram conceitos que comandam uma extensa e polêmica midiática da temática do uso de “drogas”, contribuindo para uma visão negativa e até mesmo deturpada do assunto. Historicamente, e em relação ao uso de "drogas", parece não ser diferente

resguardar um distanciamento dos diversos aspectos que compõem a complexa problemática das sensações ou do prazer e da anormalidade que a droga proporciona, o que levou os discursos e pressupostos das áreas da Saúde e Educação ao encontro da moral, das neurociências e da cultura que envolve o tema.

Concluindo a análise é essencial considerar nas falas de Bim Guerra a importância do papel da família nas relações de desenvolvimento comportamental/educacional no que diz respeito envolvimento com o uso de drogas. Nos relatos de sua trajetória, percebe-se a ausência paterna e a existência de regras permissivas, sem o estabelecimento de regras e limites no uso de drogas psicotrópicas. Percebe-se também a desinformação e desconhecimento familiar sobre o uso de outras drogas e do crack, impedindo que a família atuasse no sentido de prevenir/identificar ou mesmo tratar tanto o usuário, quanto a própria família.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, T. **Almanaque das drogas**. São Paulo: Editora Leya, 2012.

BARROS, José D'Assunção. **O Campo da História: especialidades e abordagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Ziar, 1998.

BRANDÃO, C. R. **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. 6.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

BOGDAN, R. C.; BLIKEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto, 1994.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei 9.394/96. São Paulo: Editora do Brasil, 2000.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 2009.

CANELOTTI, Bianca e SOARES, Cássia B. Programas de prevenção ao consumo de drogas no Brasil: uma análise da produção científica de 1991 a 2001. *Interfase: comunicação, saúde, educação*, vol. 9, nº 16. Botucatu – SP, 2005.

CARLINI, E. A. e MASUR, J. **Drogas: subsídios para uma boa discussão**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

CARLINI E. A, GALDUROZ J. C. F, NOTO, A. R, WAPPO S. A. I, **Levantamento domiciliar sobre uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil – 2001**. São Paulo (SP): Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID) UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo; 2002.

CNM, Confederação Nacional dos Municípios. **Cartilha Observatório do Crack**. Brasília 2011.

CNM, Confederação Nacional dos Municípios. **Cartilha Observatório do Crack**. Brasília 2012.

DA MATTA, R. **Relativizando. Uma introdução à antropologia social**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

DIAS, A. C. **Estudo Longitudinal que Acompanhou o Percurso de Dependentes de Crack ao longo de 12 Anos:** Perfil, Evolução da Coorte, Trajetórias de Consumo e Principais Desfechos após a Alta de um Episódio de Internação. 2001. Tese de Doutorado do Programa de Pós-graduação da Escola Paulista de Medicina da Universidade de São Paulo, 2010.

DJAMBOLAKDJIAN, Sandra. Sobre a toxicomania. In FLEIG, Mario. **Psicanálise e sintoma social II**, São Leopoldo, RS: UNISINOS, 1998.

DOMANICO A. **Craqueiros e cracados:** bem vindo ao mundo dos nórias! Estudo para implementação de estratégias de redução de danos para usuários de crack nos cinco projetos-piloto do Brasil; Tese de Doutorado: Universidade Federal da Bahia, 2006.

_____. **Controlando a maluquez –** A redução no contexto do uso de cocaína injetável. Dissertação de mestrado do Programa de Pós graduação de Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2001.

DOMANICO, A. e MACRAE, E. J. B. N. Estratégias de redução de danos para uso de crack, In SILVEIRA, D. X.; MOREIRA, F. G. **Panorama Atual de drogas e dependências**. São Paulo: Ed. Atheneu; 2006.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente: desafios. Cultura Vozes, Petrópolis, v.94, nº 3, p.111-124, maio/jun., 2000.

FIORE, Maurício. Prazer e risco: uma discussão a respeito dos saberes médicos sobre uso de “drogas”. In.: LABATE, Beatriz Cauiby e al (Orgs). **Drogas e cultura: novas perspectivas**. Salvador. Edufba. 2008.

FIORE, Maurício. **Algumas reflexões a respeito dos discursos médicos sobre uso de “drogas”**. Texto apresentado na XXVI Reunião anual da ANPOCS, realizada em Caxambu, 2002.

FOCCHI, G. de A. et al, **Dependência química: novos modelos de tratamento**. São Paulo: Roca, 2001.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. **A História da Loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

GEERTZ, C, J. A interpretação das culturas – 1973. LTC, 1989.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas S.A., 1999.

GUSSI, A. F. Abordagem biográfica e suas implicações epistemológicas entre Antropologia e a Educação. Cadernos de Estudo Sociais. Fundação Joaquim Nabuco, v.24 n.2 julho-dezembro.

HURTADO, J. G., **Cocaine, The Legend** - About Coca and Cocaine. La Paz: International Coca Research Institute; 1995.

MAGALHÃES, Justino Pereira. A voz e a vez na história da educação (conversa à boca de cena). In: VASCONCELOS, J. G. et al. (Orgs.). **Interfaces metodológicas na história da educação**. Fortaleza: Edições UFC, 2007.

MEIHY, José Carlos. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 2005.

MEIHY, José e HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE – **Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10**. Editora Artes Médicas Sul Ltda., Porto Alegre, 1993.
LARANJEIRA, R. Tratamento da dependência do crack – as bases e os mitos. In: **O tratamento do usuário de crack. Avaliação clínica, psicossocial, neuropsicológica e de risco, terapias psicológicas, farmacoterapia e reabilitação, ambientes de tratamento**. Organizadores: Marcelo Ribeiro Ronaldo Laranjeira. São Paulo: Casa Leitura Médica, 2010.

LARROSA, J. Tecnologias do eu e educação. In SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **O sujeito da educação**. Estudos Foucautianos. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

LIBÂNEO, J. C. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. 16 ed. São Paulo: Loyola, 1999.

MACHADO, R.. Foucault. **a ciência e o saber**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

MAGALHÃES, Isa. **Vivendo com alegria: Drogas não é a solução** – caderno do professor nível 1. Fortaleza: Littere Editora, 2011.

NOTO, A.R. Os índices de consumo de psicotrópicos entre adolescentes no Brasil. In PINSKY, Ilana e BESSA, Marco Antonio (org). **Adolescência e drogas**, São Paulo: 3 ed. Contexto, 2012.

DE OLIVEIRA D. C. **Uma genealogia do jovem usuário de crack: mídia, justiça, saúde, educação**; Dissertação de Mestrado em Educação: Universidade Federal de Santa Maria, 2009.

PAIS, M. **Culturas juvenis**. 2 ed., Lisboa: Imprensa Universitária/casa da Moeda 2003.

RIBEIRO, M. e Laranjeira, R.R. e col. **O Tratamento do usuário de Crack**. São Paulo: Leitura Médica, 2010.

SANTOS, B. de S. **Pela mão de Alice** – o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 2003.

SAVIANI, Demerval. **História das idéias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2010.

SILVA, Vilma Aparecida, e MATTOS, Hécio Fernandes. Os Jovens são mais vulneráveis as drogas? In PINSKY, Ilana e BESSA, Marco Antonio (org). **Adolescência e drogas**, São Paulo: 3 ed. Contexto, 2012.

SLOBODA, Zili. Programas de prevenção ao uso de drogas em escolas dos EUA. In PINSKY, Ilana e BESSA, Marco Antonio (org). **Adolescência e drogas**, São Paulo: 3 ed. Contexto, 2012.

TIBA, I. **Anjos caídos**. 14 ed. São Paulo: Editora Gente, 2003.

WEB-REFERÊNCIAS

BRASIL. Crack é possível vencer. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/crackepossivelvencer/prevencao/capacitacao>> Acesso em julho de 2013.

BRASIL. Mais Educação: Apresentação. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=58&id=12372&option=com_content&view=article> Acesso em julho de 2013.

CEARÁ. Combate às drogas e as suas consequências. Disponível em: <<http://www.tce.ce.gov.br/downloads/Drogas.pdf>> Acesso em julho de 2012.

CEBRID – Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (Unifesp). Disponível em < www.cebrid.epm.br>

MINISTÉRIO DA SAÚDE – Coordenação Nacional de Saúde Mental, Álcool e outras Drogas – www.saude.gov.br

SANCHEZ, Z. VAN der M. NAPPO, S. A. Sequência de drogas consumidas por usuários de crack e fatores interferentes. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 36, n. 4, ago. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em abril de 2012.

ANEXO B- Certidão de Casamento de Bim Guerra

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL



CARTÓRIO GUERREIRO

Comarca de Maracanaú - Estado do Ceará

José Augusto Guerreiro de Brito
Oficial do Registro Civil

Laisneide Queiroz de Oliveira
Substituta

CERTIDÃO DE CASAMENTO

Certifico que, as folhas 163 do livro nº B-27 de REGISTRO DE CASAMENTOS, sob o número de ordem 12627 foi lavrado no dia sete de julho de dois mil e seis, (07-07-2006), o assento do matrimônio de LUIS KLEBER GUERRA BESSA e VALONIA AGOSTINHO DA COSTA perante o(a) Sr(a) Juiz(a) de Casamentos TELMA NOGUEIRA DE MENESES e as testemunhas constantes no termo.

O CONTRAENTE:
estado civil solteiro, nascido em FORTALEZA, Estado do Ceará a 15 de março de 1975, profissão VENDEDOR, residente e domiciliado em MARACANAÚ, filho de DINO SILVEIRA BESSA e MARIA ALDENORA BESSA,

A CONTRAENTE:
estado civil solteira, nascida em SOBRAL, Estado do Ceará a 3 de outubro de 1979, profissão PROMOTORA DE VENDAS, residente e domiciliada em MARACANAÚ, filha de FRANCISCO PEREIRA DA COSTA e MARIA DAS GRAÇAS AGOSTINHO DA COSTA, passando a contraente, a chamar-se VALONIA AGOSTINHO DA COSTA BESSA,

tendo sido apresentados os documentos a que se refere o artigo 180, números 1, 2, 3 e 4 do Código Civil Brasileiro, sendo o regime adotado: Comunhão Parcial de Bens .



O referido é verdade e dou fé

Maracanaú/CE, 7 de julho de 2006

Laisneide Queiroz de Oliveira
OFICIAL

VALIDO SOMENTE COM SELO DE AUTENTICIDADE

ANEXO C- Certidão de casamento com averbação de Bim Guerra



República Federativa do Brasil
Registro Civil das Pessoas Naturais

CERTIDÃO DE CASAMENTO

NOME:

**LUIS KLEBER GUERRA BESSA
VALONIA AGOSTINHO DA COSTA**

MATRÍCULA:

020636 01 55 2006 2 00027 164 0012627 21

NOMES COMPLETOS DE SOLTEIRO, DATAS E LOCAIS DE NASCIMENTO, NACIONALIDADE E FILIAÇÃO DOS CÔNJUGES	
LUIS KLEBER GUERRA BESSA, nacionalidade BRASILEIRA, nascido em FORTALEZA, Estado do Ceará, a 15 de março de 1975, filho de DINO SILVEIRA BESSA e MARIA ALDENORA BESSA	VALONIA AGOSTINHO DA COSTA, nacionalidade BRASILEIRA, nascida em SOBRAL, Estado do Ceará, a 3 de outubro de 1979, filha de FRANCISCO PEREIRA DA COSTA e MARIA DAS GRAÇAS AGOSTINHO DA COSTA

DATA DO REGISTRO DO CASAMENTO POR EXTENSO	DIA	MÊS	ANO
Sete de julho de dois mil e seis	07	07	2006

REGIME DE BENS DO CASAMENTO
Comunhão Parcial de Bens

NOME QUE CADA UM DOS CÔNJUGES PASSOU A UTILIZAR (QUANDO HOUVER ALTERAÇÃO)
VALONIA AGOSTINHO DA COSTA BESSA (ela)

OBSERVAÇÕES / AVERBAÇÕES
Ato registrado no livro B-27, às folhas 164, sob o nº 12627. AVERBAÇÃO: Por sentença da Dra. Raquel Otoch, Juíza de Direito Titular da Vara Única de Família e Sucessões, desta Comarca de Maracanaú-Ceará, datada de 17/10/2011 e transitada em julgado em 17/10/2011, foi decretado o DIVÓRCIO do casal de que trata a presente certidão. A mulher voltará a usar o nome de solteira, ou seja, VALONIA AGOSTINHO DA COSTA.

O conteúdo da certidão é verdadeiro, dou fé.
Maracanaú/CE, 27 de outubro de 2011

CARTÓRIO GUERREIRO
José Augusto Guerreiro de Brito
Rua Oriente 131, Altos-Piratininga
Maracanaú/CE CEP 61905-150
Fone: (85)3371-1075 Fone: 3371-2297



Laisneide Queiroz de Oliveira
Oficial

Laisneide Queiroz de Oliveira
SUBSTITUTA

Fonte: Acervo da Autora

ANEXO D- Alvará de soltura de Bim Guerra



ESTADO DO CEARÁ
PODER JUDICIÁRIO
COMARCA DE MARACANAÚ
Secretaria da 1ª Vara Criminal

Rua Luís Gonzaga Honório de Abreu, s/nº, Parque Antônio Justa, Maracanaú-CE
Fone: 3383.4308 - e-mail: maracanaul@tjce.jus.br

ALVARÁ DE SOLTURA

Ação Penal nº: 35024-70.2012.8.06.0117/0.

O Doutor **ANTÔNIO JURANDY PORTO ROSA JÚNIOR**, MM. Juiz de Direito Titular da 1ª Vara Criminal da Comarca de Maracanaú, Estado do Ceará, na forma da lei, etc.

Faz saber ao Sr. DIRETOR(A) DA CADEIA PÚBLICA LOCAL, ou quem suas vezes fizer que, em cumprimento ao presente, extraído do processo supramencionado, **PONHA INCONTINENTI EM LIBERDADE, se por outro motivo não estiver legalmente preso** – Luís Kleber Guerra Bessa, brasileiro, casado, ensino médio incompleto, motoqueiro vendedor, natural de Fortaleza/CE, nascido aos 15/03/1975, filho de Dino Silveira Bessa e Maria Aldenora Bessa, residente e domiciliado na Rua Seis, nº 73, Conjunto Industrial, Maracanaú-CE, preso em flagrante delito, por infração ao art. 155 § 4º, I e IV do CPB, em data de 29 de fevereiro de 2012, sendo, por decisão deste Juízo, concedido o relaxamento da prisão ao acusado, mediante termo de compromisso e sob as condições e obrigações do art. 319 do CPP, incs. I, III, IV e V.

CUMPRA-SE. Dado e passado nesta cidade e Comarca de Maracanaú-CE, aos quatorze (14) dias do mês de setembro do ano de dois mil e doze (2012). Eu, WML, Servidor, o digitei, e eu, , Francisco Gilvan Soares de Lima, Diretor de Secretaria, o subscrevo.


ANTÔNIO JURANDY PORTO ROSA JÚNIOR
Juiz de Direito Titular da 1ª Vara Criminal



Fonte: Acervo da Autora

ANEXO E- Curriculum vitae de Bim Guerra

CURRICULUM VITAE

LUIZ KLEBER G. BESSA



DADOS PESSOAIS

DATA NASCIMENTO: 15/03/1975

ESTADO CIVIL: CASADO

FONE: 3463.1524 / 3463.2829 / 8632.0553

ESCOLARIDADE:

ENSINO MÉDIO COMPLETO

CURSOS:

TREINAMENTO SOBRE GÁS GLP- (ULTRAGÁS)

OPERADOR DE EMPILHADEIRA – (SENAD)

EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS:

EMPRESA: CEASA-CENTRAL DE ABASTECIMENTO CEARÁ
FUNÇÃO: VENDEDOR

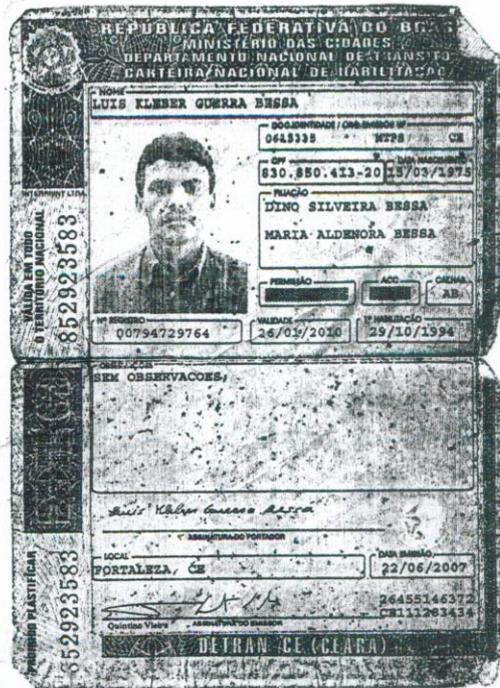
EMPRESA: ULTRAGÁS DISTRIBUIDORA DE GÁS GLP
FUNÇÃO: VENDEDOR/ MOTOCICLISTA

EMPRESA: NACIONAL GÁS, DISTRIBUIDORA DE GÁS GLP
FUNÇÃO: VENDEDOR/ MOTOCICLISTA

EMPRESA: MÁXIMA SEGURANÇA – TECNOLOGIAEM SEGURANÇA
FUNÇÃO: MOTORISTA INSTALADOR

HABILITAÇÃO- CATEGORIA A e B em 29/10/1994

ANEXO F- Carteira Nacional de Habitação(CNH) de Bim Guerra



ANEXO G- Certificado de formação de operador de empilhadeira de Bim Guerra

SENAI

Certificado

O Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
Departamento Regional do Ceará

O diretor do Centro de Treinamento e Assistência às Empresas

Certifica que

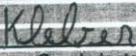
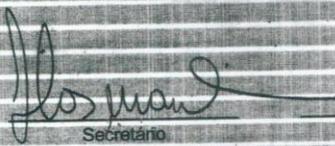
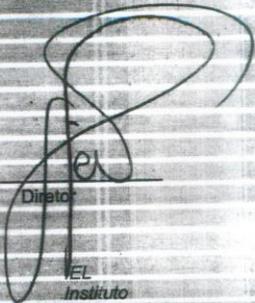
LUIZ KLEBER GUERRA BESSA

nascido(a) a 15/03/1975, concluiu em 14/07/2006

FORMAÇÃO DE OPERADOR DE EMPILHADEIRA

com duração de 40 (quarenta) horas.

FORTALEZA, 14 de Julho de 2006

 Concludente	 Secretário	 Diretor	
SENAI Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial	FIEC Federação das Indústrias do Estado do Ceará	Sesi Serviço Social da Indústria	IEL Instituto Everaldo Lodi

Fonte: Acervo da Autora

ANEXO H- Certificado de Treinamento de Cultura Organizacional de Bim Guerra

Certificada

**Certificamos que Luiz Kléber
participou do Treinamento de**

Cultura Organizacional - Ultragaz

no dia 18 de julho de 2003, com duração de 4 horas.



Gerente Comercial



Instrutor



ANEXO I - Termo de consentimento livre e esclarecido

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa sobre crack – práticas educativas e culturais na trajetória de um dependente. O participante da pesquisa está sendo escolhido aleatoriamente como voluntário e não receberá nenhum pagamento por participar da pesquisa. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar o seu consentimento. Sua recusa não interferirá na sua rotina.

O escopo da pesquisa é investigar práticas educativas e culturais dos usuários de crack, por meio da biografia. A participação, nesta pesquisa, será realizada mediante conversa informal com a pesquisadora sobre sua história de vida, e resposta de algumas questões que serão solicitadas pela entrevistadora.

As informações obtidas nestas entrevistas serão utilizadas apenas para atender os objetivos da pesquisa. Assim, o que será relatado não poderá ser utilizado, de maneira alguma, para prejudicá-lo.

Responsável pela pesquisa: Tereza Maria da Silva Ferreira.
 Instituição: Universidade Federal do Ceará - UFC
 Endereço: Rua Aluísyo Soriano Aderaldo, nº 50, ap. 1402. Fortaleza-CE
 Telefone para contato: (85) 3262.0518

O abaixo-assinado, _____, _____ anos, RG nº _____

Declaro que é de livre e espontânea vontade que está participando como voluntário da pesquisa. Eu declaro que a pesquisadora leu cuidadosamente este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que, após sua leitura tive oportunidade de fazer perguntas sobre o conteúdo do mesmo, como também sobre a pesquisa e recebi explicações que responderam por completo minhas dúvidas.

Fortaleza, ____/____/____

Nome do voluntário

Data

Assinatura

Nome do pesquisador

Data

Assinatura

ANEXO J - Termo de consentimento para uso de imagens.

O Sr. Luiz Cleber Guerra Bessa, foi selecionado para lócus da pesquisa intitulada “ CRACK – PRÁTICAS EDUCATIVAS E CULTURAIS NA TRAJETÓRIA DE UM DEPENDENTE”. O escopo da pesquisa é investigar as práticas educativas e culturais dos usuários de crack, por meio da biografia.

Para melhor demonstração dos resultados da pesquisa faz-se necessário o uso de imagens, fotos e documentos. As imagens serão divulgadas somente para publicação e divulgação da pesquisa.

O senhor receberá uma cópia desse termo onde possuem meios de contatar com a pesquisadora, podendo tirar suas dúvidas a qualquer momento.

Entrevistadora / Pesquisadora
Tereza Maria da Silva Ferreira
Rua Holanda, Nº 50, ap. 307. Fortaleza-CE Tel (85) – 87813938

Após ler estas informações e ter minhas dúvidas esclarecidas pelo pesquisador, concordo em colaborar com o estudo permitindo a confecção e publicação de imagens fotografia e documentos.

Responsável ___/___/___